

# CÂNDIDO

#91 | FEVEREIRO DE 2019 [www.candido.bpp.pr.gov.br](http://www.candido.bpp.pr.gov.br) JORNAL DA BIBLIOTECA PÚBLICA DO PARANÁ

ILUSTRAÇÃO: MARCELO CIPIS

O QUE  
VEM  
POR AÍ

Depois de um ano ruim, mercado editorial brasileiro  
tenta se recompor e faz suas apostas para 2019

# EDI TO RIAL

2018 foi um ano ruim para o mercado editorial brasileiro. As grandes redes de livrarias viveram uma de suas piores crises, o que afetou toda a cadeia do livro no país — o que inclui os leitores, obviamente. Por conta desse cenário, 2019 começa com grandes expectativas para os profissionais da área. Há um certo otimismo desalentado no ar, conforme contam os editores ouvidos pela jornalista Mariana Sanchez, que assina a reportagem de capa da edição de fevereiro do **Cândido**.

“Até porque não tem como ficar pior”, diz Ivan Pinheiro Machado, publisher da L&PM, que apesar dos reveses está confiante no próximo ciclo e em breve deve inaugurar livraria própria em Porto Alegre para comercializar o imenso catálogo da sua editora.

Além de questões que envolvem diretamente a venda de livros, os editores também refletem sobre o clima editorial que deve vigorar nos próximos meses. “Acho que a nova situação política e social do país (e do

mundo) está rendendo uma reação editorial. São muitos os lançamentos que discutem o fascismo, o fim da democracia, a reação ao movimento feminista, etc. E acho que a ficção deve refletir também esse quadro”, opina Fernanda Diamant (foto), coeditora da revista de livros *Quatro Cinco Um* e curadora da Festa Literária Internacional de Paraty (Flip).

Os editores também listam os autores e os livros em que vão apostar neste ano. O **Cândido** publica com exclusividade trechos de dois desses lançamentos: o novo romance de Luiz Ruffato, *O verão tardio* (Companhia das Letras), e a estreia na prosa do poeta e tradutor Guilherme Gontijo Flores, *História de Joia* (Editora 34).

Um dos lançamentos previstos pelo selo Biblioteca Paraná para 2019 também ganha espaço. Trata-se de *Narrativas gráficas curitibanas*, livro escrito pelo artista e pesquisador José Aguiar que resgata os últimos dois séculos de publicação de Charges, Cartuns e Histórias em Quadrinhos na imprensa da capital do Paraná.

Na coluna Pensata, o escritor Luiz Bras escreve sobre a falta de “legitimação cultural” que a literatura de Ficção Científica sofre no Brasil. Segundo o autor, o gênero perde espaço por conta de análises equivocadas de parte da crítica do país.

A poeta Alice Ruiz revê sua carreira e fala sobre a militância em causas feministas em entrevista ao jornalista e cronista José Carlos Fernandes. Alice participou do projeto Um Escritor na Biblioteca e, entre outros assuntos instigantes, comen-



KRAW PENAS

tou sua produção de haicais, gênero poético em que é uma das maiores referências no Brasil.

A edição de janeiro do **Cândido** ainda traz poemas de Armando Freitas Filho e Ana Santos, além de contos dos jovens autores Nathalie

Lourenço e André Cáceres. O quadrista curitibano André Caliman publica HQ inédita sobre o futuro e os livros. A arte da capa é assinada por Marcelo Cipis.

Boa Leitura.

## CÂNDIDO

CÂNDIDO É UMA PUBLICAÇÃO MENSAL  
DA BIBLIOTECA PÚBLICA DO PARANÁ



Governador do Estado do Paraná: **Carlos Massa Ratinho Junior**  
Secretário de Comunicação Social e Cultura: **Hudson José**  
Superintendente de Cultura: **Luciana Casagrande Pereira**  
Diretor da Biblioteca Pública do Paraná: **Rogério Pereira**  
Presidente da Associação dos Amigos da BPP: **Marta Sienna**  
Coordenação Editorial: **Rogério Pereira e Luiz Rebinski**  
Redação: **Omar Godoy**  
Projeto gráfico e design: **Thapcom.com**

### Colaboradores desta edição:

André Caliman, Ana Santos, André Cáceres, Armando Freitas Filho, Guilherme Gontijo Flores, Higor Oratz, José Aguiar, Luiz Bras, Luiz Ruffato, Mariana Sanchez, Marcelo Cipis e Nathalie Lourenço.

### Redação:

imprensa@bpp.pr.gov.br  
(41) 3221-4974

Cândido pela internet:

[candido.bpp.pr.gov.br](http://candido.bpp.pr.gov.br)

[/jornalcandido](https://www.facebook.com/jornalcandido)

A BPP divulga informações sobre serviços e toda a programação.

[bpp.pr.gov.br](http://bpp.pr.gov.br)

[bibliotecap](https://www.facebook.com/bibliotecap)

BIBLIOTECA PÚBLICA DO PARANÁ  
**Rua Cândido Lopes, 133 | CEP: 80020-901 | Curitiba – PR**  
Horário de funcionamento  
**Segunda a sexta: 8h30 às 20h.**  
**Sábado: 8h30 às 13h.**

Todos os textos são de responsabilidade exclusiva do autor e não expressam a opinião do jornal.

## cândido indica

### O ARTISTA DA FACA

Irvine Welsh, Rocco, 2018

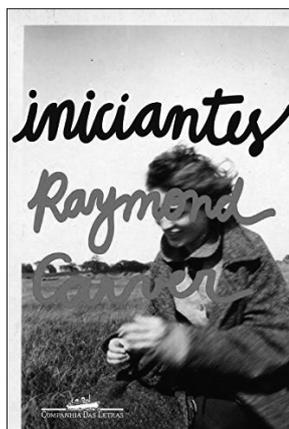
Os icônicos personagens de *Trainspotting* continuam rendendo nas mãos de Irvine Welsh. Desta vez quem está na mira do escritor escocês é Francis “Franco” Begbie, que também aparece em *Skagboys* e *Pornô*, livros que completam a trilogia iniciada com *Trainspotting*. Franco ganha uma surpreendente roupagem em *O artista da faca*. Agora ele é um pai de família, está casado com a sua terapeuta de tempos da prisão, uma americana rica, e mora na Califórnia com duas filhas pequenas. Ele faz sucesso e dinheiro produzindo esculturas mutiladas de celebridades. Muita calma para o hooligan Franco, que depois de um episódio de violência sofrido por sua mulher, volta à velha forma delinquente que o consagrou.



### INICIANTES

Raymond Carver, Companhia das Letras, 2008,  
Tradução: Rubens Figueiredo

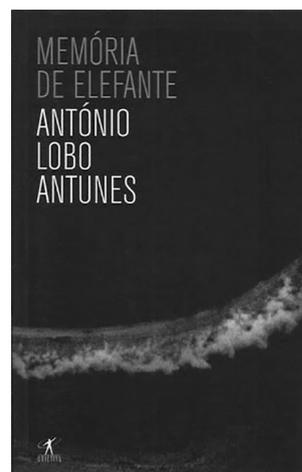
O autor americano Raymond Carver teve uma vida cheia de altos e baixos, principalmente por conta do alcoolismo. Em 1981, ele despontou como um renovador do conto americano ao publicar a coletânea *What we talk about when we talk about love*. Porém, os contos do livro tinham sido bastante modificados pelo editor da obra, Gordon Lish. Em *Iniciantes*, as histórias são novamente publicadas, mas desta vez na íntegra, da maneira que foram concebidas. Aqui pode-se perceber a engenhosidade literária de Carver, que aposta em uma linguagem coloquial e enxuta para contar histórias igualmente simples, de gente normal que vive dramas reais. O destaque é a narrativa que dá nome ao livro, uma espécie de conto-aula de como construir diálogos e personagens.



### MEMÓRIA DE ELEFANTE

Antônio Lobo Antunes, Objetiva, 2006

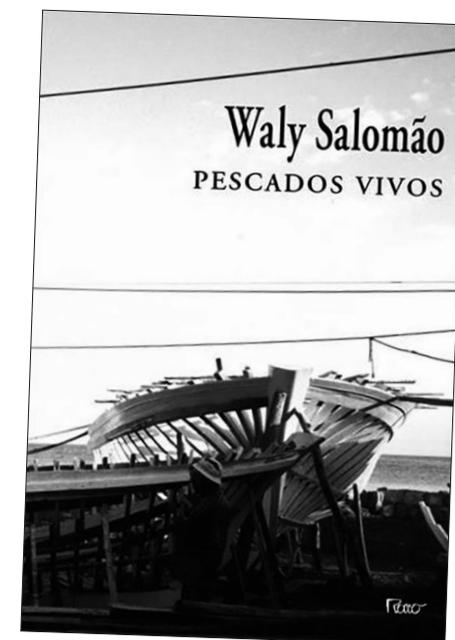
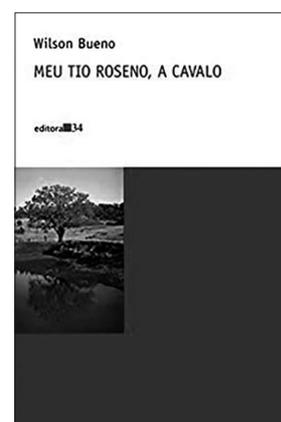
A estreia de Lobo Antunes na ficção com *Memória de elefante* (1979) causou tanto impacto que ele largou a medicina para se dedicar com exclusividade à literatura. Com lances autobiográficos, o romance é conduzido por um médico atormentado por uma crise existencial. Recém-separado, o narrador é enredado por uma espiral de sentimentos que a todo momento o fazem lembrar dos erros do passado recente e das incertezas do futuro próximo. A narrativa se passa em apenas um dia, entre devaneios e sonhos do protagonista. A linguagem de Lobo Antunes, bastante fragmentada, ajuda a criar uma atmosfera onírica para as memórias de um homem comum abalado pelos obstáculos da vida adulta.



### MEU TIO ROSENO, A CAVALO

Wilson Bueno, Editora 34, 2000

Leitor voraz e fiel de João Guimarães Rosa, Wilson Bueno presta um tributo ao mestre da linguagem neste *Meu tio Roseno, a cavalo*. Mas não se trata de *mashup* literário, ou emulação picareta, Bueno constrói uma vereda particular para narrar a história do tio Roseno, que segue por estradas tortas em busca da filha que teve com a bugre Dorói. No ritmo da cavalgada, a narrativa se embrenha por bifurcações linguísticas criadas por Bueno e em sintonia com a região percorrida pelo personagem, no caso Guairá, no limite paranaense entre Brasil e Paraguai.



### PESCADOS VIVOS

Waly Salomão, Rocco, 2004

Waly Salomão mostrou em seu último livro que a verve inquieta que marcou sua trajetória como bardo ainda pulsava forte. Rebelde, culto, sensível e engraçado, Waly mistura sua conhecida espontaneidade com a experiência de uma vida inteira de bons serviços prestados à literatura, como poeta e leitor. As referências que prezava estão por todo o livro, seja de forma explícita ou velada, como em “Fax, Fac simile”, em que se permite escrever em francês. Em outra frente, o poeta encara o satírico, como em “Procissão do encontro”, uma piada com o clássico cristão “Jesus Cristo”, de Roberto Carlos, definida como uma “pobre ladainha melancólica”. “Em *Pescados vivos*, tudo que cai na rede Waly é peixe.”

## PENSATA

A coluna *Pensata* abre espaço para que autores reflitam sobre um tema sugerido pela equipe do **Cândido**. Nesta edição, Luiz Bras escreve sobre a falta de “legitimação cultural” que a literatura de ficção científica sofre no Brasil. Para o escritor, isso é reflexo de análises equivocadas dos críticos brasileiros, que desconhecem os clássicos do gênero

# BRITO VERSUS CARPEAUX: UMA GUERRA INFINITA?

LUIZ BRAS

Vocês sabem, existem infinitos Brasis, afinal existem infinitas linhas do tempo, também chamadas de universos alternativos, em que outros eus e vocês estão vivendo outras alegrias e tristezas.

Numa edição alternativa do jornal **Cândido** de um Brasil alternativo, outros artigos estão ocupando o espaço deste artigo, neste exato momento. Em muitas linhas do tempo, os brasileiros são apaixonados por ficção científica — estrangeira e brasileira — e as obras futuristas são um sucesso estrondoso de público e crítica. Nessas linhas do tempo este artigo não faria sentido.

Mas em nossa linha do tempo, infelizmente, essa paixão se restringe a uma pequena comunidade de leitores e escritores guerrilheiros. Em nossa linha do tempo, o preconceito con-

tra a FC em geral e a FCB em particular parece um mal crônico e invencível.

Sessenta anos atrás em nossa linha do tempo, uma importante antologia de contos estrangeiros de FC foi lançada pela editora Cultrix. Seu título: *Maravilhas da ficção científica* (1958). A obra foi organizada por Fernando Correia da Silva e Wilma Pupo Nogueira Brito.

Na introdução à antologia, o crítico literário Mário da Silva Brito compartilhou com os leitores uma verdadeira declaração de amor pelo gênero.

Três trechos:

“Será inquestionavelmente mais científico encarar essa literatura como vinculada à própria condição do homem contemporâneo frente ao conhecimento, às formas de vida e de comportamento do seu



Os críticos Mário da Silva Brito (1916) e Otto Maria Carpeaux (1900-1978) divergiram sobre a importância da ficção científica como gênero literário no final dos anos 1950. O debate segue, mas o status da FC como um gênero menor ainda persiste.

tempo, às incertezas do mundo que limita, dia a dia, suas esperanças nos descaminhos políticos, às inquietações forjadas pela própria aventura ou experiência científica, à crise que, afinal, define esta etapa histórica. Na verdade, a ficção científica só é literariamente válida enquanto pertença ao universo da linguagem

e da poesia e signifique uma medida da criatura humana.

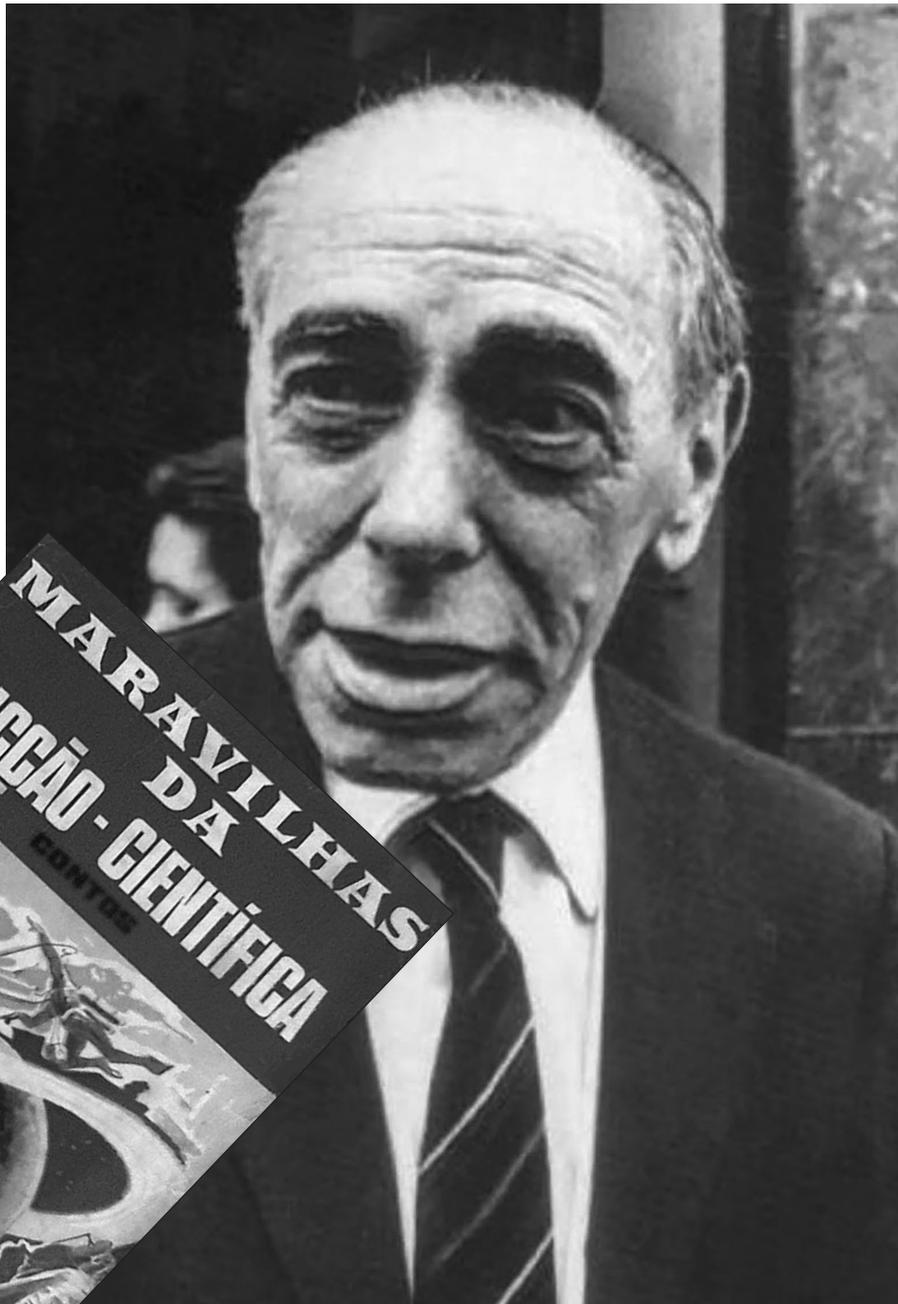
(...)

A ficção científica, de fato, é mais literatura do que ciência.

(...)

Há mesmo críticos literários que definem a ficção científica como a literatura da hipótese. O que impor-

FOTOS: REPRODUÇÃO



ta assinalar é que os escritores de ficção científica creem, convictamente, nas histórias que inventam e dão força de verdade à supra-realidade que descrevem. Por isso mesmo, os psicanalistas se detêm na análise mais profunda dessas narrativas, sentindo-as como um sonho rico de símbolos. Mas neste, como em qualquer

outro gênero literário, o artesão não é dispensado, as regras estéticas não são abandonadas e nem a arte de compor, consoante as exigências estilísticas, é de plano secundário. Exatamente porque, antes de mais nada, é preciso respeitar a sua condição de literatura.”

Mas no ano seguinte o crítico literário Otto Maria Carpeaux contra-

-escreveu, no artigo intitulado *Science-fiction*, publicado no jornal *O Estado de S. Paulo* (16 de maio de 1959):

“Os habitantes de planetas na *science-fiction*, dotados de forças físicas e mentais superiores às nossas, são reedições dos gênios astrais da época pré-copernicana. Mais exatamente: são anjos. *Science-fiction* é, inconscientemente, literatura pseudo-religiosa, literatura de edificação do homem que já não suporta sua solidão no Universo. (...) O sonho do desejo de conquistar o espaço produz seu efeito psicológico contrário. É o medo de uma catástrofe cósmica e da destruição do mundo. (...) A psicose é caracterizada pela perda total do contato com a realidade. Literariamente, a consequência é a baixa realidade: literatura de cordel.

(...)

Essa *science-fiction* moderna nunca será degradada a literatura infantil (assim como aconteceu ao grande e terrível livro de Swift, *As viagens de Gulliver*), porque já é infantil. O puerilismo do nosso tempo, que já foi diagnosticado por Johan Huizinga, encontra na *science-fiction* uma manifestação quase tão característica como as histórias em quadrinhos. Essa literatura de cordel fornece ao leitor comum todas as trivialidades, horrores, sentimentalismos etc. que a literatura moderna exclui cuidadosamente dos seus enredos (ou da sua falta de enredo). A *science-fiction* faz questão de não tocar nunca em problemas psicológicos ou questões sociais. Ao embarcar para o espaço, perdeu o contato não só com a Terra, mas também com a realidade. Evasão? Mas essa evasão tem objetivo bem definido: cancelar um processo histórico.”

De lá pra cá — repito, já se passaram seis décadas —, essa polarização não mudou. Também não mudou o estatuto da FC de modo ge-

ral e da FCB de modo particular no cenário da literatura brasileira.

É verdade que os argumentos se tornaram mais elaborados nos dois lados, a própria FC produzida no Brasil tornou-se mais ampla e sofisticada, porém sua legitimação cultural ainda não aconteceu. Seu baixo prestígio continua praticamente inalterado.

Parece até um *déjà-vu*, ou então estamos presos numa fatia recorrente do tempo, igual ao personagem do Bill Murray no *Dia da Marmota*.

O erro de Carpeaux e de todos que se alinham com ele (Wilson Martins, Muniz Sodré, Nelson Ascher etc.): desconhecer as obras-primas da ficção científica e avaliar o gênero a partir apenas de suas obras medianas ou medíocres. Ora, quando a crítica séria avalia um gênero artístico ou literário, ela precisa descartar as obras medianas e medíocres e analisar principalmente as grandes realizações nesse gênero. Mordidos pelo preconceito, Carpeaux e seus seguidores se esquecem dessa regra básica, melhor resumida — Roberto de Sousa Causo me lembra, durante um café — no famoso Postulado de Dickson: “Uma arte deve ser julgada pelo seu melhor, não pelo seu pior”.

Do romantismo ao concretismo, passando pelo realismo, simbolismo, surrealismo, *nouveau roman* etc... Se essas escolas literárias fossem avaliadas esteticamente como fez Carpeaux — e outros — com a ficção científica, ou seja, a partir de suas obras menos interessantes, não sobraria pedra sobre pedra. ■

**LUIZ BRAS** é coordenador do Ateliê

Escrevendo o Futuro e autor das novelas *Anacrônicos* e *Não chore*, da rapsódia *Distrito federal*, do romance *Sozinho no deserto extremo* e das coletâneas de contos *Máquina Macunaíma* e *Paraíso líquido*. Todas obras de ficção científica.

**UM ESCRITOR na BIBLIOTECA**

# ALICE RUIZ

Em tempos de redes sociais, o lado político de Alice Ruiz aflorou. A poeta paranaense tem atuado de forma constante na internet defendendo pautas progressistas, como os direitos das mulheres e das minorias. Algo que faz desde os anos 1970, quando militava na imprensa cultural de Curitiba. A diferença é que agora suas opiniões reverberam com a rapidez de um clique. “Talvez a coisa que mais me dá orgulho é ter participado da evolução da condição da mulher na sociedade brasileira”, diz.

DA REDAÇÃO



A escritora participou do projeto Um Escritor a Biblioteca em 2018, com mediação do jornalista e cronista José Carlos Fernandes. Entre outros assuntos, Alice falou sobre os temas que mais a instigam hoje a escrever e lembrou de aventuras editoriais como a revista *Rose*, que editou nos anos 1970 para a Grafipar, famosa editora de quadrinhos.

Alice Ruiz estreou em 1980, com a coletânea de poemas *Navalhanaliga*. Autora de 21 livros, ganhou o Prêmio Jabuti de poesia em 1989, com *Vice-versos*, e em 2009, com *Dois em um*. Como letrista, tem parcerias com Itamar Assumpção e José Miguel Wisnik, entre outros artistas. “Sempre entrego a letra pronta para o artista que vai gravar. Normalmente ninguém mexe nela depois que a entrego”, explica a poeta sobre suas parcerias com músicos da cena paulistana, como Arnaldo Antunes e Paulo Tatit.

Entusiasta da cultura japonesa, Alice faz parte de um grupo de poetas que “tropicalizou o haikai”. Alguns desses textos, que segundo a própria poeta “quebraram regras”, serão publicados em uma coletânea com 100 haicais — a obra também trará poemas de Rodolfo Guttilla e deve sair em 2019.

Durante a conversa, a curitibana Alice Ruiz também lembrou que a Biblioteca Pública do Paraná exerceu grande influência em sua formação inicial, quando emprestava livros de alguns dos autores que ajudaram a moldar seu pensamento crítico, como o casal Jean-Paul Sartre e Simone de Beauvoir. “Lendo a Simone descobri que não era esquisita. Que faziam sentido as minhas ansiedades”, diz a autora cujo trabalho poético está traduzido nos Estados Unidos, Bélgica, México, Argentina, Espanha e Irlanda.

#### A CHAVE

Conta minha mãe que fui apaixonada pela palavra desde pequena. No próprio aprendizado da palavra, me divertia. Mas, infelizmente, na minha casa tinha apenas um livro, a Bíblia, que li, aliás, sem ninguém mandar. A literatura chegou com um impacto enorme quando entrei no ginásio. Sou da geração que fez ginásio. No Colégio Estadual do Paraná (CEP), descobri a biblioteca. Em vez de ir para o recreio, por exemplo, ficava lendo. Minha professora de História, Cecília Westphalen, fez uma espécie de concurso na nossa turma: quem tirasse a nota mais alta, ganhava um livro. Ganhei *A chave do tamanho*, do Monteiro Lobato. Claro que me apaixonei. Ia para a biblioteca e ficava lendo Monteiro Lobato. Comecei com literatura infantil aos 11 anos. Foi uma espécie de primeira guia para mim, a Cecília, porque ela percebeu que, em vez de ficar curtindo com os amigos no recreio, eu ia para a biblioteca, e ela se responsabilizou por eu levar os livros para casa. Havia uma idade mínima para tirar livro. Ela foi minha tutora, me deu umas dicas.

#### BPP

Foi na biblioteca do Colégio Estadual do Paraná que descobri o Mario Quintana, por exemplo. Passado um tempo, descobri a Biblioteca Pública do Paraná, que comecei a frequentar lá pelos 17 anos. A minha formação inicial, principalmente em relação à consciência da mulher, tem muito a ver com esta biblioteca. O primeiro livro que li da Simone de Beauvoir, *Memórias de uma moça bem-comportada*, emprestei aqui. Lembro nitidamente que voltei, devolvi e fiquei uma semana esperando para voltar e pegar de novo, porque li a primeira vez e me veio aquele impacto, mas tive a certeza de que tinha que ler de novo. Precisava fazer uma leitura não tão com o emocional, mas deglutindo cada pedaço. Foi uma identificação muito grande. Debulhei Simone.

#### SARTRE

Li os romances da Simone de Beauvoir. Li Sartre. Por conta do Sartre, acabei indo para o teatro. Fiz teatro um tempo. Tinha planos de fazer dramaturgia, de escrever. Não tinha projeto de ser atriz. Queria escrever por conta das peças do Sartre, que peguei todas emprestadas aqui na Biblioteca.

#### SIMONE DE BEAUVOIR

Lendo a Simone descobri que não era esquisita. Que faziam sentido as minhas ansiedades. Não quero que fique parecendo “mimimi” essa conversa. Mas o que acon-

teceu muito intensamente com as mulheres mais velhas do que eu, da geração anterior, foi uma sensação enorme de não pertencimento. Há rescaldo disso na minha geração. Aconteceu simultaneamente em vários lugares do mundo. Nós, as mulheres dessa geração, começamos a olhar e dizer: o jeito que o mundo olha para mim, o que o mundo espera de mim, não me serve. Não me identifico. Não quero. Não sou eu. Isso não me representa. A gente batia de frente com todo mundo. Estou falando no passado, mas sei que isso continua acontecendo. É uma luta eterna. Mas, em vários lugares, melhorou.

#### TRABALHO

Sou quase atrevida em termos de vida. Andei sendo meio pioneira numas coisas do universo feminino. Tive que parar de estudar — o que foi terrível — assim que terminei o ginásio. Eu era arrimo de família, tive que desde muito cedo sustentar a mim e a minha mãe. Isso fez com que me tornasse uma pessoa independente rapidamente. Apesar de morar com minha mãe, com 18 anos tinha dois empregos e nos sustentava. Foi quando comecei a formar a minha biblioteca. Mas ainda emprestava da Biblioteca Pública, emprestei daqui por mais de uma década. Tem uns que nem devolvi.

#### CLÁSSICOS

A gente tem que apresentar para a moçada a poesia na linguagem deles. Começa por aí. Algo que os represente. Depois, quando estiveram seduzidos, pode sugerir coisas mais elaboradas. Não se tinha muito essa consciência na minha época. Eles davam os clássicos e a gente que se vi-rasse. Se identificando ou não.

#### PRIMEIRO CONTO

Eu tinha esse papo de que não gostava de poesia, e inventei uma his- ➔

## UM ESCRITOR na BIBLIOTECA

tória. Não sei se foi por causa dos filmes. Eu via uns filmes na televisão, a gente ia no cinema também. Naquele tempo não era tão rígido. Eu assistia cada coisa com meus tios, *bang bang* com muita violência. Meu primeiro conto é quase de terror. Acho que, para influenciar o conto, o que mexeu com o imaginário foi o cinema. Que me levou a buscar essa coisa ficcional. Era ridículo, um cara que entrava com uma bomba dentro de um avião, tinha toda uma coisa da massa cinzenta, homem cinza e pensamento cinza. É o precursor de *50 tons de cinza*, mas sem a mulher, só o homem. Era muito ruim mesmo. Comecei a escrever umas coisas quando eu ia para um terreno baldio que tinha atrás da minha casa. A gente morava lá no Tabuão, e tinha um regatinho nesse terreno baldio. Eu ia e ficava contemplando a paisagem. A natureza sempre me alimentou. Hoje eu planto. Quando estou precisando de energia, começo a plantar, mexer na terra, limpar, podar. Meio que tem uma prévia dos haicais já nessa época — 13, 14 ou 15 anos, não saberia dizer. Depois que o Paulo [Leminski] me mostrou haicai, comecei a ler e percebi o quanto o sabor do haicai já estava lá na minha infância. Eu só não sabia fazer haicai, mas já tinha o espírito.

### JUDÔ

Fui morar no Rio e realmente me sentia uma menina meio acuada, porque, sei lá, com 20 anos eu não tinha — fora essa experiência de ser arrimo de família — a experiência do viver sozinha. O Rio é muito maior, é um outro jeito de ser. A proximidade do mar. É muito mais corpo. A sexualidade é uma coisa um

pouco mais gritante. Aqui, eu achava um rapaz interessante, olhava para ele e não acontecia nada. Lá, se você olhasse, o cara já estava te seguindo, querendo te levar. E eu tive que ir aprendendo. Felizmente ninguém conseguiu, mas sofri três tentativas de estupro. E aí fui fazer judô. Falei: “Tenho que ter o mínimo de defesa pessoal”. Porque, para a minha sorte, duas das tentativas foram de dia. Comecei a gritar e pronto. Mas a da noite foi um pouco mais difícil. As mulheres não falam disso, acho que a gente tem vergonha. Decidi que vou falar. Ter cabelos brancos nos dá o direito de falar tudo. Sim, tentaram me estuprar três vezes quando eu tinha 20 anos, no Rio de Janeiro. Foi terrível. E eu morria de medo. Comecei a andar assustada na rua, a ter medo de olhar para as pessoas. Não entendia. Não sabia lidar com aquilo. Mas foi bom, porque fui aprender judô e era uma academia dessas meio objetivas para defesa, tinha uma professora que ia um pouco mais para o lado do aspecto espiritual do judô. Não é bem espiritual, mas do desenvolvimento interno que ele provoca em você. Então eu já tinha tido uma prévia da cultura japonesa via judô. Tinha essa identificação com o haicai mesmo sem conhecer o haicai. Depois disso, não parei mais.

### DISCIPLINA

Como não fiz faculdade, não tenho essa coisa pedagógica formal. Durante muito tempo me senti um pouco menor por não ter conseguido fazer faculdade, porque acabei não adquirindo a disciplina que uma faculdade dá. Hoje não tenho mais ne-



nhum mal-estar com relação a isso, pelo contrário, tenho um bem-estar em relação a isso. Porque continuo estudando, mas estudo só o que me dá prazer, o que me interessa.

### OFICINAS DE HAICAIS

Para fazer oficina de haicai, por exemplo, percebi o quanto o zen, a compreensão do zen, abre teu campo para o haicai. Te prepara como instrumento para fazer haicai. Minha oficina se divide em três versos. O primeiro verso é a teoria, e a teoria parte do corpo do haicai. A parte técnica são 15 minutos. As outras três horas e meia, três horas e quarenta e cinco converso sobre o zen, apresentando koan, deixando as pessoas em estado de fazer haicai. No segundo verso, que é o segundo dia, faço um aquecimento de tradução com a turma. Claro que



pego os haicais que já traduzi, porque quero mostrar para eles o desafio, então tem que ser alguns que eu já enfrentei. Mostro em japonês, dou a tradução literal de cada palavra e peço para eles formatarem como haicai. Mas não individualmente. A gente fica discutindo junto, o grupo, fazendo isso em uns três ou quatro haicais. A partir daí partimos para o exercício prático, elaborando juntos. Três pessoas ficam discutindo e eu vou com eles para a natureza. Quase sempre dá certo. Toda oficina peço um carro para que possamos ir a um local com muita natureza. Fico trei-

nando a observação deles. Às vezes o pessoal resolve ir caminhando e conversando, então digo: “Estamos andando, mas estamos dentro da oficina. É para olhar em volta amorosamente. Para prestar atenção. Não é para ficar conversando sobre política agora”.

#### HAICAI TROPICAL

Um pequeno grupo no Brasil tropicalizou o haicai. Acho que o Paulo [Leminski] fez muito isso. Um que faz muito isso também é o Rodolfo Guttilla, com quem fiz um livro em parceria — se tudo der certo, vai ser lançado no começo do ano [2019] que vem pela Companhia das Letras. Ele é um quebrador de regras. Aqueles meus [haicais] que quebram regra estão nesse livro também. Tanto que a gente resolveu juntar. Tem mais de 100 haicais, metade de cada um. Faça parte, sim, desse grupo que tropicalizou o haicai.

#### REGRAS

Só que a oficina meio que me enquadrou. O [Matsuo] Bashô falou: “Aprende as regras, assimile-as profundamente e depois livre-se delas”. Isso nem é uma tropicalização. É o pai do haicai falando. O que ele quis dizer é que, na hora em que você está fazendo o haicai, não deve ficar preocupado com as regras. Mas é bom que você as tenha assimilado. No haicai nipônico, a regra é essa: no primeiro verso tem a situação, no segundo algo acontece e no terceiro há uma manifestação. No Brasil, a gente sabe que não é bem assim.

#### TEMPO

A poesia, hoje, não vem na mesma velocidade que vinha antes. Passo períodos maiores sem produzir. Mas, ao mesmo tempo, sinto que estou produzindo o tempo inteiro. Meu pensamento ficou mais claro, apesar de ter mais dúvidas. A própria consciência de termos mais dúvidas é um tipo de clareza. O que quero dizer é que, quando me apaixonava por pessoas, também parecia que isso se expressava mais no escrever. Não que eu ficasse escrevendo sobre o amor, ou sobre pessoas, ou sobre paixão, mas o estar apaixonada me colocava num estado de produção poética que agora eu tenho que criar. Não é uma coisa que vem de fora, agora sou eu que tenho que produzir isso. Ao mesmo tempo, também me apaixono por ideias.

#### ORGULHO E PRECONCEITO

Talvez a coisa que mais me dá orgulho é ter participado da evolução da condição da mulher na sociedade brasileira. A gente já melhorou muito. Mas acho que todos nós so-

## UM ESCRITOR na BIBLIOTECA



mos vítimas da cultura do machismo. Antes, ficava brava com as mulheres machistas. Hoje tenho pena. O pessoal fala sobre cultura do estupro. Não. Antes da cultura do estupro tem a cultura do machismo, que acontece para homens e mulheres. A Estrela, minha filha, fez um levantamento — vou contar rapidamente essa história. Tem uma vítima do machismo na minha família. Meu tio Gregório, que eu não conheci porque ele se matou com 20 anos de idade. A nossa família era pobre, tinha pouco dinheiro, e meu tio foi o único a estudar porque era o homem da casa. As meninas não estudaram, minha mãe e minhas duas tias não estudaram. Ele estudou porque ia trabalhar e sustentar as mulheres. Minha mãe e minha irmã não precisavam estudar, porque iam casar e um homem iria sustentá-las. Era esse o raciocínio. Meu avô morreu, e ele que era o caçula, com 20 anos, de repente teve a responsabilidade de sustentar a si mesmo e três mulheres. Só que era um momento de crise econômica e ele ficou meses procurando trabalho, não conseguiu e se matou em desespero por não conseguir cumprir o papel do homem da família.

### REVISTA ROSE

A revista era feita por mim, pela Lígia Mendonça e pela Ana Lúcia. Havia editorias como “Rose fora da cama”, com matérias mais sérias sobre leis trabalhistas, saúde, etc. Mas também a “Rose na cama”, que trazia um papo sobre sexualidade. E as HQs, contos e tal. Tinha também o homem nu na página do meio, que nem na *Playboy* tinha a garota. Só que, como não podia ter exposição frontal, os amigos eram fotogra-

fados com, por exemplo, um violão na frente, de pernas cruzadas, lendo um livro, etc. Ou pegávamos um arquivo de imagem e colocávamos umas tarjas. A gente exagerava nas tarjas para mexer com a imaginação das leitoras. Um dia o Faruk El-Katib, diretor da Grafipar, que publicava a *Rose*, teve a ideia de fazer uma pesquisa para ver o perfil do leitor da revista. Aí fomos demitidas, porque a revista era vendida para gays. As mulheres não tinham nem coragem de comprar a *Rose*. E os gays provavelmente não liam o que a gente escrevia, só olhavam.

### LETRAS

Sempre entrego a letra pronta para o artista que vai gravar. Normalmente ninguém mexe nela depois que a entrego. Com o Arnaldo Antunes é assim. Não mexeu em “Socorro” nem em “Atenção”. Já “Aranha” a gente fez juntos. “Se tudo pode acontecer” fizemos em quatro pessoas ao mesmo tempo. É uma negociação interessante, quando tem mais gente fazendo a letra. Em “Se tudo pode acontecer” era o Paulo Tatit fazendo a música. Eu e Arnaldo, a letra, com pitacos do João Bandeira. É isso. Tem que ter uma negociação. Com o Itamar [Assunção] e a Alzira [Espíndola] rolou muita parceria.

### SOCORRO

O Sartre diz, acho que em *O ser e o nada*, que a tristeza não é um sentimento verdadeiro. O sentimento verdadeiro é a raiva, mas, como a raiva não é socialmente aceita, a gente civilizadamente baixa o tônus afetivo para controlar a raiva. Vai baixando e ficando uma coisa que a gente chama de tristeza. Mas, às vezes, a dor

é tanta, e você tem que baixar a tal ponto a raiva, que você para de sentir. Isso efetivamente acontece. Aconteceu comigo. Eu tinha lido *O ser e o nada*. Não que eu tenha lembrado disso na hora de escrever “Socorro”, mas depois falei: “Essa música é sobre esse pensamento do Sartre”. Isso foi um coisa que efetivamente aconteceu comigo. Foi um momento de muita dor na minha vida. Fiquei afásica, apática. E aí me veio essa coisa do “socorro, não estou sentindo nada”. Freud diz que o humor é a vitória do ego sobre o princípio da realidade. Acho que a arte também. Não só o humor, mas a arte também. A gente escreve tanto sobre o sentir e, de repente, escreve sobre o não sentir. Aí veio o resto da letra. Foi, talvez, uma recompensa das energias cósmicas, porque até hoje essa música me dá dinheiro. Não escrevi com habilidade, escrevi com as vísceras. Quando a gente é visceral, acho que vai mais longe.

#### CONSELHO

Vejo gente tão novinha já se achando e já querendo lançar, publicar. Começam a vir opiniões críticas e isso vai interferindo na tua produção. Você talvez pudesse ir mais longe, mas de repente um elogio te satisfaz. É um perigo. A Helena Kolody tem um poema sobre isso. Não são com essas palavras, mas é mais ou menos assim: “Que a crítica não te retarde o passo, e que o elogio não te apresse o passo”. A ideia é essa. Por conta disso, levei muito tempo mostrando meus poemas para pessoas que eu admirava, grandes poetas. Mostrava meus poemas para o Augusto de Campos, para o Décio Pignatari, mostrei para o Reinaldo Jardim. Além do Paulo Leminski, claro. Mas o Paulo era suspeito. A gente procurava ter interlocutores exigentes. Com o tempo, fui — pelas reações deles — adquirindo segurança de efetivamente mostrar em público o que fazia. Antes de publicar em livro, puliquei em jornais, revistas, cadernos culturais. Também tinha uma riqueza aqui em Curitiba, uma época que tínhamos Paulo, Solda, Retamozzo, Mirandinha, Reinaldo Jardim trabalhando nos cadernos de cultura dos jornais locais. Era só poesia de qualidade. Eles iam botando coisas minhas ali, fui entrando e chegou uma hora que disse a mim mesma: “Tá bom, posso lançar um livro”. Eu tinha 34 anos. ■



POEMA | ANA SANTOS

# ANÚNCIO IMOBILIÁRIO

## I – PORTÃO DE FERRO

Vende-se uma casa  
desabitada há décadas,  
exceto por inócuos  
fantasmas.

## II – O QUINTAL DAS PITANGAS

Na varanda, às vezes fala  
uma voz vinda de longe:  
“o buraco é fundo,  
termina o mundo!”.

Diz-se que crianças  
anacrônicas  
vêm ao quintal  
colher pitangas.  
A mais triste encaramuja-se  
e adormece  
sob a árvore.

Há dentes de leite  
no telhado,  
umbigos enterrados  
no jardim.  
A roupa está quarando  
à esquerda dos gerânios.  
Em giz, a amarelinha  
exibe o céu possível.

## III – NÚCLEO

O livro no colo da moça  
nomeia bichos e plantas  
em latim:  
fauna e flora  
desfilam sobre o tapete,  
as figuras gravam-se  
nos olhos do menino.

Há pão na mesa  
para quem tem fome.

No sofá, a velha tece  
manta imensa,  
aquecendo  
a sala inteira.

## IV – AO NÍVEL DO FOGO

Em fúria, o homem  
lança à parede  
um vaporoso  
bule de ágata

(a nódoa escura  
lavando  
os azulejos).

O motim da moça  
consiste  
em passar novo café:  
no fogão, a chama azul  
é um pequeno incêndio.

## V – BRUMA

O homem mira-se  
no espelho oxidado  
sobre a pia —  
é o tempo que converte  
seu rosto  
neste esgar perplexo.

Água quente  
jorra à toa  
das torneiras.  
O vidro embaça-se:  
a bruma  
compõe o homem.

## VI – NOTURNO

Ressonam no escuro  
as pessoas da casa —  
quem as defende  
do mal que ronda  
porta e janela?

Nos travesseiros de plumas,  
o risco da asfixia.  
O sono é um abismo  
doméstico,  
um desamparo comum.

Vindos da chuva,  
os cães se escondem  
sob as camas.  
A inocência  
morre nas frinchas.

## VII – CIMO

O velho passa os dias  
na cadeira de embalo  
do sótão,  
os olhos fixos  
na claraboia:

não raro, um pássaro  
vem chocar-se  
contra o vidro.

## VIII – ALUVIÃO

Uma enchente leva as caixas  
em que se guardam retratos,  
recortes, cartas,  
escapulários,  
sapatinhos de lã.

Boiam no porão turvo  
as bonecas esquecidas,  
as aranhas submergem  
com suas teias perfeitas.

As criaturas do chão  
ganham um jeito lacustre.

Sólida,  
a casa ergue-se  
sobre alicerces de lama. ■

---

**ANA SANTOS** nasceu em 1984, em Porto Alegre (RS). Graduada em Jornalismo pela UFRGS, é mestra e doutoranda em Estudos de Literatura pela mesma instituição, onde atua como revisora de textos. É autora do livro de contos e prosas poéticas *O que faltava ao peixe* (2011), contemplado com a *Bolsa Funarte de Estímulo à Criação Artística*, e da coletânea de poemas *Móbile* (2017). Com o inédito *Fabulário*, venceu o Prêmio Governo de Minas Gerais de Literatura 2017 (categoria Poesia).

HISTÓRIA EDITORIAL

# POLÊMICOS E PIONEIROS NO SÉCULO XIX

O Cândido publica primeiro capítulo do livro *Narrativas gráficas curitibanas*, escrito pelo artista e pesquisador José Aguiar. A obra, que será lançada neste ano pelo selo Biblioteca Paraná, resgata a história editorial da publicação de charges, cartuns e quadrinhos em Curitiba

Estabelecer o marco zero de uma tradição gráfica é algo difícil. Um motivo é a escassez de documentação. Quanto mais se regride na história, menos fontes confiáveis são encontradas. Outros problemas podem ser os critérios adotados para estabelecer um consenso em torno de uma data ou nome que assegure “legitimidade”. Neste caso, as escolhas vindas dos critérios de análise e seleção do material trazem, evidentemente, interesses e disputas que podem estabelecer uma construção, uma tradição inventada em detrimento de obras e autores que podem vir a ser negligenciados e, conseqüentemente, esquecidos.

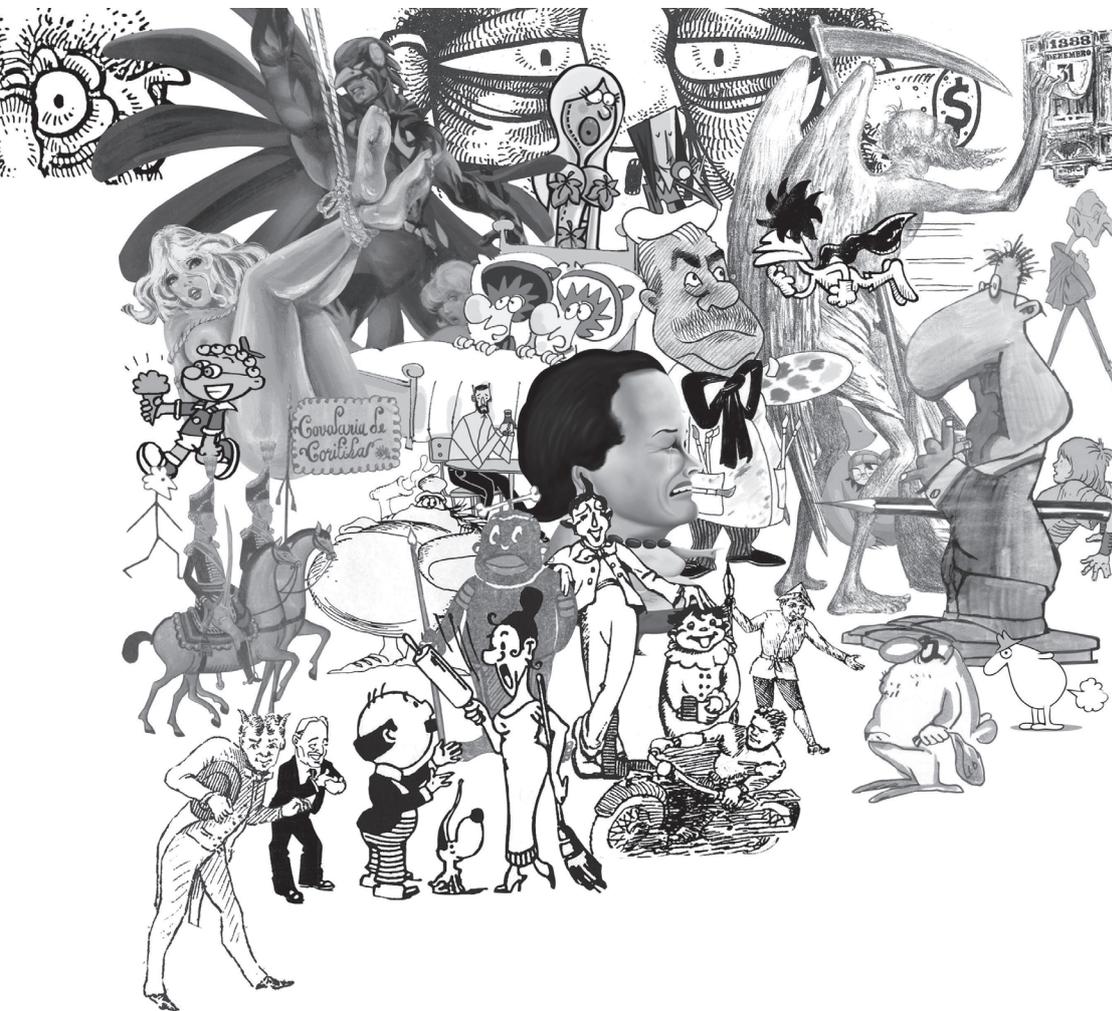
Por exemplo, em 1984 a AQC (Associação dos Quadrinistas e Cartunistas do Estado de São Paulo) instituiu que no dia 30 de janeiro seria comemorado o “Dia do Quadrinho Nacional”, data que foi ganhando repercussão na mídia e — desde então — é comemorada em todo o país com eventos e debates realizados anualmente por entidades e profissionais da área. Um deles é o Troféu Ângelo Agostini, destinado a autores atuantes no mercado e também a homenagear os “Mestres do Quadrinho Nacional”.



A data foi assim fixada porque em 30 de janeiro de 1869 foi publicado, no jornal *A Vida Fluminense*, o primeiro capítulo da série “As aventuras de Nhô Quim”, de autoria de

o critério para determinar o “nascimento” dos quadrinhos brasileiros seria encontrar o primeiro personagem fixo publicado em uma série.

Mas pesquisadores encontraram exemplos de quadrinhos anterior-



res, do próprio Agostini, publicados no mesmo jornal. Todos, no entanto, sem um personagem que retornaria para novas “aventuras”. Recuando ainda mais no tempo, encontram-se exemplos de outro artista que utilizou

charges com elementos que entendemos como quadrinhos: Sébastien Auguste Sisson — francês radicado no Brasil que publicou, em 1855, na revista *Brasil Ilustrado*, a HQ *O namoro, quadros ao vivo*. Ou seja, 14 anos antes

do aniversário que convencionou-se atribuir à Nhô Quim. Agostini se tornou o “pai”, mas o “filho”, Sisson ficou no “limbo”, aguardando a redescoberta e o aprofundamento a respeito de seu trabalho.

Na medida em que se esmiúça mais profundamente o assunto, é possível que critérios sejam revistos, com inevitáveis atualizações que apontem um “novo” marco zero.

O debate é válido não só no Brasil.

Nos Estados Unidos, por exemplo, o marco oficial é o Yellow Kid, personagem de Richard Felton Outcault, a quem comumente se atribui a “invenção” dos balões, mesmo com outros exemplos anteriores que podem contestar o suposto pioneirismo.

Mas por que levantar essas questões num livro que se propõe resgatar a memória da charge/cartum/quadrinhos especificamente na capital paranaense?

Porque mesmo neste microcosmo específico as problemáticas são as mesmas. Aqui, o desafio é estabelecer uma cronologia que sirva de guia para a compreensão da trajetória dessas narrativas locais. Mas, é preciso deixar claro, não se trata da pesquisa definitiva sobre o tema.

Ela pode ser usada como referência, ponto de partida para novos estudos mais aprofundados, de onde podem emergir novidades que possam mudar nosso ponto de vista acerca das origens das atividades artísticas ligadas à imprensa.

Seguindo a tendência polêmica de se estabelecer os pioneiros na área, Curitiba reclama para si o título de lar do “primeiro caricaturista brasileiro”. Segundo o pesquisador Newton Carneiro, foram encontradas em Lisboa, no acervo do Visconde de Veiros, oito aquarelas originais, feitas entre 1807 e 1819, que concederiam esse título a um autor oriundo da capital paranaense. Seis delas estão assinadas por um artista identificado como João Pedro, “o Mulato”, do qual pouco se sabe além de sua origem curitibana. Comparando essas obras com as de desenhistas contemporâneos, seu trabalho e técnica podem soar ingênuos, tanto que se especula que poderia ser um autodidata ou, talvez, aluno de algum dos mestres aquarelistas residentes em Paranaguá — uma vez que não se tem conhecimento de professores dessa técnica em Curitiba naquela época, período em que a capital era bem menos desenvolvida que a cidade litorânea.

Essas aquarelas, de João Pedro, “o Mulato”, nunca foram publicadas, vindo a público somente em 1975. Mas são os registros mais antigos de elementos caricaturais e satíricos identificados com origem local. Em seu livro *O Paraná e a caricatura*, Newton Carneiro identificou três delas como sátiras aos costumes de diferentes classes sociais do período colonial. ➔

## HISTÓRIA EDITORIAL

Em uma, João Pedro satiriza o excesso de ornamentação e ostentação na milícia do Paraná. Em outra, mostra um negro carregador de barris de água no lombo de um desanimado burro de carga, em meio a uma paisagem igualmente desanimadora. Em uma terceira, uma mulher aguarda um sargento despachar um documento, apontando com a pena para sua barriga grávida. Provavelmente o despacho iria resolver o “problema” da moça, que sorri.

Pela falta de documentação sobre o autor ou de alguma repercussão que seu trabalho possa ter tido à época, trata-se de um exemplo isolado de um precursor do humor gráfico na região. Isolado porque o Estado do Paraná só entrou oficialmente no cenário das publicações impressas e ilustradas décadas mais tarde, após o carioca João Antonio de Barros Junior lançar em 1870, na cidade de Paranaguá, o periódico *O Barbeiro*. Com o desenvolvimento econômico da província do Paraná, e a facilitação de acesso entre o litoral e a capital com a construção da estrada de ferro ligando-o a Curitiba, puderam enfim ser instaladas várias oficinas de tipografia e litografia na cidade, criando-se condições para que surgissem os primeiros periódicos curitibanos.

Nos principais centros do Brasil, durante o período do Segundo Reinado (1840-1889), essas oficinas modernizaram a imprensa e permitiram a difusão de revistas periódicas de humor ilustradas, que ganharam preferência dos leitores. Em um país com alto índice de analfabetismo, quem tinha acesso a tais publicações era uma elite letrada, mas com um olhar irônico às transformações sociais. Críticas feitas não somente por meio de textos, mas especialmente por narrativas visuais em forma de charges e caricaturas — pois naquele momento a linguagem das HQs ainda estava em formação e demoraria a surgir no Paraná.

O traço vigente no final do século XIX era um misto entre o desenho acadêmico com técnicas da litografia. Muitas vezes, deixando a imitação da natureza em segundo plano em favor do grafismo e abstração típicos da caricatura, que se desenvolveu e popularizou desde aquela época. Foi em tal cenário, também movido pela colonização de imigrantes europeus, industrialização, ciclo da erva-mate e transição entre monarquia e república, que surgiram os primeiros periódicos ilustrados baseados em Curitiba.

A primeira publicação local a usar da então moderna tecnologia de impressão em litografia foi a *Revista do*



Aquarelas encontradas por Newton Carneiro e atribuídas a João Pedro. Os desenhos trazem elementos mais claros de retrato e crítica aos costumes locais.



*Paraná*, de Nivaldo Braga, em 1887. A publicação teve apenas sete edições, mas trouxe entre seus colaboradores o primeiro nome de grande destaque na história das narrativas gráficas curitibanas.

Nascido na Espanha, Narciso Figueras (1854-?) veio ao Brasil no início da década de 1880, onde passou a colaborar como ilustrador em jornais do Rio de Janeiro. Por volta de 1884, mudou-se para Curitiba e



Em 1888 é publicada a primeira HQ curitibana conhecida. A curta série marca oficialmente o nascimento dessa linguagem em Curitiba.

foi um dos principais nomes da litografia na cidade em que, em 1887, montou a Lithographia do Commercio — que no futuro daria origem à renomada Imprensa Paranaense. Após o fim prematuro da Revis-

ta do Paraná, em 1888, Figueras criou sua própria publicação: a *Galeria Ilustrada*, revista que se notabilizou pelas caricaturas e charges, boa parte delas assinadas por STEK — supõe-se que, na verdade, seria um pseu-

dônimo do próprio Figueras. Em suas páginas, também se destacou a seção intitulada “Gaveta do Diabo”, que, seguindo uma tendência de outras publicações da época, associava o diabo à figura do jornalista.

O personagem era um demônio bisbilhoteiro que acompanhava tudo o que se passava na cidade, desde a administração política até os costumes da população. Sua estreia se deu já na edição número 1, em 11 de novembro de 1888. Nessa história, o Diabo é apresentado como um funcionário da revista, abrindo a gaveta de sua escrivaninha repleta de segredos. Ele se prepara para sair em serviço numa HQ de página inteira feita de nove quadros. A importância dessa página reside no fato de que ela pode, até o momento, ser considerada a primeira história em quadrinhos paranaense.

Por mais três edições, a “Gaveta do Diabo” utilizou a linguagem dos quadrinhos, passando a seguir, mesmo sem mudar o nome da seção, a ser uma página dedicada a charges. Após a censura imposta à imprensa em 1890, pelo recém-criado governo republicano, que havia deposto o imperador Dom Pedro II no ano anterior, Figueras precisou cessar a publicação de charges e caricaturas, que acabaram sendo substituídas por retratos de personalidades. A *Galeria Ilustrada* se transformou no jornal *Quinze de Novembro*, que também teve vida breve. Logo em seguida o curitibano descendente de alemães Augusto Stresser (1871-1918), também deixou sua contribuição para a emergente cena gráfica de sua época. Mais conhecido por sua contribuição à música, ele foi autor de *Sidéria*, considerada a primeira ópera paranaense. Mas além de músico, Stresser também foi escritor, fotógrafo, escultor, pintor e entusiasta do desenho. Seu personagem era o Bendengo, publicado em 1891 na revista *O Guarany*, da qual era o editor responsável. A revista durou apenas 10 edições e Stresser se revezava com o artista S. Neto nos desenhos das páginas de quadrinhos presentes a cada edição. Sobre Neto, infelizmente não se encontrou maiores referências, mas a dupla tornou-se outra iniciativa precursora dos quadrinhos curitibanos. ■

**JOSÉ AGUIAR** é artista, arte-educador formado pela FAP (Faculdade de Artes do Paraná) e quadrinista premiado com obras publicadas no Brasil (*Vigor Mortis Comics, Ato 5, Revolta de Canudos, Dom Casmurro em quadrinhos, MSP50*, entre outras) e França (série Ernie Adams). Foi curador e cocriador da Gibicon — Convenção Internacional de Quadrinhos de Curitiba.

## ROMANCE | GUILHERME GONTIJO FLORES

## A F O

**P**ou, cada um corre prum lado, emaranham-se braços e pés, trombados uns tantos tombam por chão, enquanto tentam não virar calçada pra manada louca em fuga, um porém permanece prostrado, uma flor lhe rebenta no tronco, primeiro pequenos urupês, cachos de flamboyants deformando-se em mancha, crescendo em poça, outros pipocos, correrias, cada qual com seu cada um, tropeçam-se até que tudo anuncia cessar, evoluções de gás lacrimogêneo céu acima, fardas acinzentadas e negras sob a transparência dos escudos encaram rostos negros acinzentados de fuligem, pétalas num ramo seco, vídeos de celulares, selfies a mais e a menos, alguém pergunta o que foi, os vândalos desviaram a manifestação, provocaram os militares, a polícia iniciou o conflito por meio de infiltrados na po-

pulação, a bala perdida alojou-se, fodeu tudo, alguém digita e marca de gordura a lente do telefone, microfones se ajeitam, mãos e lapelas, onde o sargento?, tivemos uma fatalidade decorrente da desmedida violência dos manifestantes, a força teve de ser usada, não seriam balas de borracha?, não seriam bombas de efeito moral que terminariam com o caos instaurado, caso alguém pergunte, há filmagens da confusão, alguém pegou o momento do tiro, alguém pegou o momento do tiro, alguém pegou o momento do

tiro?, imagens se repassam em câmera lenta, alenta-se tudo no entorno do corpo, filmado, fotografado, comentado em tempo que depois diremos físico e real, enquanto pela praça a força se disfarça em carros, rastros de ambulâncias, vendedores de cachorro-quente, camelôs, cerveja choca, churrascos de gato perante o sol poente. Na dispersão, um centro estanca em torno ao corpo, hesita por tocar na carne em gestos lentos, como que achando o ponto sacro no que não se pode mais usar, o corpo estático desvia o olhar alheio, trava

# RQÇA

na busca da chaga sob a roupa empapada e no calor úmido, no início da noite, acena para o mundo, o corpo em seu instante, ainda estanque, torna-se um centro praquelas pessoas, pro corpo médico que insiste em demorar, pras cenas de jornal da manhã seguinte, pra passagem desinteressada de Joia, que agora corre pra casa, atravessa: beco via rua ruela servidão lama poça e esgoto, a céu aberto aponta seu nariz morro acima sem piscar pro firmamento, encontra amigos ou acena a quase-estranhos, está na sua aldeia. A geografia da cidade está no corpo, Joia sabe e passa cada passo sem pensá-lo, poussa os pés nos pontos certos, firma a coxa na subida e já desvia de quem desce pro trabalho noturno, o boteco da quarta, o passeio sem rumo, Joia ascende na constelação de luzes dos barracos da cidade, deixa o mar nas suas

costas revirar a brisa lenta, sente o suor enchendo sutiã, camisa, o jeans aperta as pernas, no alto quase chega, o passo se atravanca, um tapa na cabeça, falta pão, caralho, lembra só agora, onde é melhor?, revê seu mapa, vira o prumo, aponta ao lado, encontra via estreita, apesar do cansaço acelera, arrisca-se a correr, toca pra mercearia.■

---

**GUILHERME GONTIJO FLORES** nasceu em Brasília (DF), em 1984, e vive em Curitiba (PR). É poeta, tradutor e professor na Universidade Federal do Paraná. Publicou os livros de poemas *brasa enganosa* (2013), *Tróia*des (2014, [www.troiades.com.br](http://www.troiades.com.br)), *l'azur Blasé* (2016) e *Naharia* (2017), que formam a tetralogia *Todos os nomes que talvez tivéssemos*. Em 2019 publica seu primeiro romance, *História de Joia*, cujo primeiro capítulo o **Cândido** publica nesta edição.

CAPA

# DEPOIS DA QUEDA

**Após um ano ruim, o mercado editorial brasileiro se prepara para um novo ciclo. Profissionais das principais editoras do país falam sobre as expectativas para o cenário literário em 2019**

MARIANA SANCHEZ

O ano que passou está fadado a entrar para a história do mercado livreiro no Brasil como “Uma temporada no inferno”, para citar o poema do Rimbaud. As principais *megastores* de livros do país, Saraiva e Cultura, acumularam dívidas de mais de R\$ 300 milhões e tiveram de pedir recuperação judicial. Saldo: muitas incertezas, uma penca de livrarias fechadas e editores com “A faca no coração”, como o conto do Dalton Trevisan.

Neste cenário de terror, o que esperar do ano que inicia? O tradutor Daniel Dago, que todo mês de dezembro divulga sua famigerada lista de títulos prometidos pelas editoras para o ano seguinte, vem notando certa estagnação. “Outro dia a tradutora curitibana Denise Bottmann comentava que tem no mínimo seis traduções prontas, paradas nas editoras, sem previsão de lançamento”. O próprio Daniel tem cinco, entre elas a de *Max Havelaar*, de Multatuli — o principal romance holandês, a sair pela editora Âyine — e a de *Sobre pessoas velhas e coisas que passam*, de Louis Couperus, prometido pela Zouk. Daniel conta que, ao oferecer novos autores a certa casa editorial brasileira de médio porte, ouviu que não estariam contratando nada pelos próximos três anos e só publicariam o que já tinham na gaveta. “Mas agora até essa desova tem que ser peneirada, lançar só a apos-

ta das apostas. Creio que esse será o clima editorial de 2019: apreensão e muita cautela, que se traduz em poucos lançamentos (entre recém-contratados e contratados há tempos)”, opina.

Ivan Pinheiro Machado, editor da L&PM, admite que a crise de 2018 represou muita coisa, mas começa o novo ano otimista. “Até porque não tem como ficar pior”, brinca. Se em 2018 a editora soltou 50 títulos novos, em 2019 pretende dobrar esse número. Apesar de sentir o baque e amargar uma perda de 30% de seu faturamento com o calote das livrarias, a publicação de *Sapiens: Uma breve história da humanidade*, de Yuval Noah Harari, ajudou a equilibrar as contas, com mais de 150 mil exemplares vendidos em 2018. Para Pinheiro Machado, a crise impulsionou a editora a buscar alternativas e “mecanismos de defesa”. A inauguração de uma livraria própria da L&PM em Porto Alegre, no mês que vem, é uma delas. “Não será um negócio, mas uma livraria pequena onde mostraremos nossos livros”, explica.

Para uma editora com três mil títulos no catálogo — a metade ativa e com frequentes reedições —, é uma maneira de se tornar menos dependente dos grandes varejistas. “A Saraiva é líder absoluta de mercado aqui, mas é difícil ter nosso catálogo exposto por complicações com fornecimento, já que os livros de-

vem primeiro passar por São Paulo para depois serem distribuídos ao resto do Brasil. Ou seja: é mais fácil achar os livros que editamos da Martha Medeiros em São Paulo ou no Rio do que em Porto Alegre, onde estão baseadas a editora e a escritora”, compara.

Já Thiago Tizzot, da curitibana Arte & Letra, acha que “2018 não foi esse horror que as duas redes de livraria e algumas editoras quiseram fazer parecer”. Para o editor, tudo indica que haverá mudanças na forma de se vender livro no Brasil, com um equilíbrio maior, e as editoras vão tentar aumentar seus pontos de venda — é o caso da Arte & Letra, que tem sua própria livraria. “Concentrar tudo em algumas redes não deu muito certo. Deve diminuir a consignação e a venda direta editora-leitor deve aumentar. Isso vai demandar um pouco de paciência e cuidado, mas não tem motivo para pânico”, diz.

Repensar estratégias de distribuição e apostar em iniciativas de venda direta foi um pensamento comum entre as editoras no fim do ano passado. “Mas é importante frisar que essa crise de fato não é uma crise do livro. Não percebemos um decréscimo nas vendas, foi realmente um problema do varejo. Então, precisamos de criatividade para buscar outros canais independentes destas livrarias”, considera Sonia Jardim, presidente do Grupo Record.

ANDRÉ FELTES



O editor Ivan Pinheiro Machado começou o ano otimista: no mês que vem a L&PM inaugura livraria própria em Porto Alegre.

Na Ubu, editora que em apenas dois anos de vida já lançou 50 títulos, independência passa necessariamente por um bom *e-commerce*. “Vínhamos da experiência bem-sucedida da Cosac Naify, uma das pioneiras em venda por site próprio no Brasil, então isso já estava no *core-business* da Ubu”, afirma Florencia Ferrari. Além de gerar relacionamento com sua comunidade de leitores, o site dá maior margem de lucro à editora, que aposta no livro como objeto de design e deve evidenciar este diferencial por meio de uma visualização detalhada. “Se nosso livro vira um *thumbnail* na Amazon, o leitor não pode entender o que ele é, nem por que custa mais”, explica.

Hoje, 20% das tiragens da Ubu são vendidas no próprio site e cerca de 12% em eventos. “Temos quase 35% de faturamento controlado por nós, já que podemos fazer promoções *online* e aumentar os eventos, sem depender de um cliente que não paga e te deixa na mão”, avalia Florencia. A precaução tem fundamento: a editora tem R\$ 150 mil a receber da livraria Cultura.

Otávio Marques da Costa, *publisher* da Companhia das Letras, também vê na crise um momento de reflexão interna e revisão de práticas — ele cita iniciativas recentes, como o programa Companhia na Rua e o serviço direto de atendimento ao leitor via *WhatsApp*, que estreitaram o elo entre a editora e seu público —, porém, pondera: “Nós temos de estabelecer canais com o leitor, mas sempre com a clareza de que o mercado varejista é fundamental, sobretudo em um país de dimensões continentais como o nosso. Temos total consciência de que o livreiro é um parceiro indispensável, e de que sem um mercado saudável e dinâmico nós não existimos”.

## CAPA

Otávio avalia positivamente a repercussão da carta aberta de Luiz Schwarcz, fundador da Cia as Letras, que em novembro de 2018 convocou os amantes dos livros a comprarem seus presentes de natal em livrarias — de preferência nas pequenas. “Notamos uma reação palpável dos leitores, que de fato encamparam a campanha. É cedo para dizer, mas pelos números deste fim de ano já sentimos uma reacomodação do mercado e um processo de recuperação até mais rápido do que esperávamos”, garante.

## CLIMA EDITORIAL

2019 é também um ano de mudanças vertiginosas no Brasil, com o novo governo eleito. “Há um inegável otimismo geral do mercado, e se a Bolsa sobe e o dólar desce, o negócio das editoras melhora, já que pagamos direitos autorais em dólar, o preço do papel sobe em dólar, etc. Mas, no plano ideológico, estamos absolutamente em desacordo com as políticas deste governo de extrema direita, o que é uma motivação até maior para publicar, pois a editora acaba virando um lugar de discussão e resistência à onda antiintelectual, anticonhecimento e antidiversidade que vem se instalando no país”, contesta Florencia Ferrari.

Ivan Pinheiro Machado lembra que fundou a L&PM nos anos 1970 para “fazer resistência democrática e provocar a ditadura”, mas vê o momento atual com certa tranquilidade. “A editora nasceu em um tempo em que os caras metiam o pé na porta e nos jornais não saía nenhuma linha. Enfrentamos uma ditadura pesada, chegamos a ter títulos apreendidos, mas hoje é diferente.



Guimarães Rosa ganha nova edição de *Grande sertão: veredas*, com fortuna crítica e desenhos de Poty Lazzarotto.

Até que provem o contrário, estamos em uma democracia”, diz, defendendo que a editora não mudará sua pauta de publicações: poetas *beatniks*, obras transgressoras e clássicos canônicos seguirão recheando o catálogo da L&PM, como sempre.

Com uma programação muito voltada a temas políticos, a Ubu vai publicar *Depois do futuro*, ensaio do italiano Franco Bifo Berardi, quatro obras políticas de Jean-Jacques Rousseau e uma coleção organizada por Vladimir Safatle com ensaios para pensar a democracia a partir

EUCLIDES,  
LOBATO E ROSA

Mariana Sanchez

Três figuras canônicas brasileiras ganharão importantes reedições em 2019. Autor homenageado da Flip deste ano, Euclides da Cunha volta à cena com o volume *Ensaio e inéditos*, publicado pela Unesp. A Ubu irá relançar sua edição já esgotada de *Os Sertões* em dose dupla: box de luxo — que inclui o livro de 700 páginas mais um livreto com variantes e comentários da organizadora Walnice Nogueira Galvão, além de fotos raras do conflito de Canudos e reprodução das cadernetas de campo de Euclides da Cunha — e no formato brochura, bem mais acessível no preço. Para Fernanda Diamant, curadora da Flip 2019, “a obra euclidiana discute uma infinidade de temas relevantes para a realidade que o Brasil vive hoje, além de apontar para questões históricas fundadoras dos nossos problemas”. A partir do dia 1º de janeiro de 2019, a obra de Monteiro Lobato entra em domínio público e uma porção de editoras pretendem revisita-la. A L&PM traz para sua coleção de bolso dez títulos emblemáticos do universo do autor ilustrados por Gilmar Fraga em edições acessíveis, enquanto a Companhia das Letrinhas, que pretende relançar a obra infantil completa do autor, solta este mês o fundamental *Reinações de Narizinho* em

edição de luxo, com capa dura, ilustrações da artista Lole e organização de Marisa Lajolo, uma das maiores especialistas do país em Monteiro Lobato. Na editora Girassol, a Turma da Mônica, de Maurício de Sousa, encontra a turma do Sítio do Pica-Pau Amarelo, e na editora Moderna o escritor Pedro Bandeira pretende adaptar as histórias infantis de Lobato com certo filtro, “suavizando” passagens hoje consideradas racistas.

A Cia das Letras estuda publicar também alguns títulos adultos de Lobato pelo selo Penguin, e promete duas biografias: a reedição da já consagrada *Furacão na Botocúndia*, de Vladimir Sacchetta, Carmen Lucia de Azevedo e Marcia Camargos (lançada em 1998 pela Senac-SP, já fora de catálogo), e *Reinações de Monteiro Lobato*, biografia infantil escrita por Marisa Lajolo e Lilia Schwarcz, que deve sair agora em março.

Para completar a tríade, Guimarães Rosa ganha nova edição de seu *Grande sertão: veredas* pela Cia das Letras, que em 2019 concretiza um sonho de pelo menos duas décadas ao adquirir os direitos deste livro paradigmático da literatura brasileira. A obra traz ensaios críticos de Davi Arriguicci Jr, Paulo Rónai e Roberto Schwarz, entre outros, além de nova cronologia biográfica, caderno de imagens, capa inspirada em manto de Arthur Bispo do Rosário e desenhos originais do curitibano Poty Lazzarotto, que ilustrou as primeiras edições do livro.

de textos contemporâneos e clássicos inéditos, de autores brasileiros e estrangeiros. Outro projeto muito aguardado da casa é *Popol Vuh*, mítico livro da cultura maia que sai em março com cuidadosa tradução da paranaense Josely Vianna Baptista. Na extensa fortuna crítica do livro, um dos textos lembra que o *Popol Vuh* surgiu numa época de grande questionamento político dos povos originários no México, sendo, portanto, a reivindicação de uma voz e dos direitos indígenas — algo que dialoga com questões do Brasil contemporâneo.

“Acho que a nova situação política e social do país (e do mundo) está rendendo uma reação editorial. São muitos os lançamentos que discutem o fascismo, o fim da democracia, a reação ao movimento feminista, etc. E acho que a ficção deve refletir também esse quadro”, opina Fernanda Diamant, coeditora da revista de *Quatro Cinco Um* e curadora da Festa Literária Internacional de Paraty (Flip) deste ano.

Sonia Jardim, da Record, acredita que momentos de crise aumentam a demanda por autoajuda e

DIVULGAÇÃO



Florencia Ferrari, diretora editorial da Ubu, que neste ano, entre outros lançamentos, vai publicar quatro obras políticas de Jean-Jacques Rousseau.

desenvolvimento pessoal. “2018 foi o ano da não-ficção, tanto na autoajuda quanto no universo de livros políticos, impulsionados pela eleição. Acreditamos que isso se repetirá em 2019”. A Record anuncia para este mês a não-ficção *Meu bloco na rua*, da jornalista Rita Fernandes, que analisa a retomada carnavalesca no Brasil durante o período da redemocratização.

Segundo Otávio Marques da Costa, “uma editora deve estar atenta para captar o espírito de seu tempo, e hoje vivemos um período

muito conturbado, tanto na política quanto na economia. Então, é nosso papel produzir livros que de algum modo ajudem o leitor a entender e lidar com o presente”. A coletânea *Democracia em risco?* é um destes títulos: uma semana antes do segundo turno das eleições, a Companhia das Letras convidou 22 intelectuais brasileiros de renome para escrever análises sobre a ascensão de Jair Bolsonaro. O livro saiu em e-book no dia da posse do presidente e acaba de ganhar versão impressa. Uma extensão apuração de Malu Gaspar sobre o

caso Odebrecht e uma biografia sobre o jornalista Samuel Wainer assinada por Karla Monteiro são outros títulos de destaque da Companhia, mas embora haja muita demanda de não ficção em 2019, a editora assegura que haverá bastante espaço para narrativas ficcionais, sobretudo de autores brasileiros.

#### O QUE VIRÁ

Ainda no primeiro semestre chega às livrarias o novo romance de Luiz Ruffato, *O verão tardio* (confira trecho inédito na página 26). O livro

narra a história de Oséias, um homem que, depois de mais de 20 anos longe de Cataguases, sua cidade natal, decide voltar. “Será o primeiro grande romance brasileiro que a Companhia das Letras vai lançar este ano, mas haverá outros”, diz Otávio da Costa, referindo-se a *Os dias da crise*, de Jerônimo Teixeira, Controle, de Natalia Borges Pollesso, *Cancún*, de Miguel del Castillo, o suspense psicológico *Uma mulher no escuro*, de Raphael Montes, e muito provavelmente o segundo volume da série *O lugar mais sombrio*, de Milton Hatoum. A Companhia também lança este ano o novo livro de contos do carioca Sérgio Rodrigues, ainda sem título definido.

Também entre os autores nacionais, a L&PM lançará *Crônicas anacrônicas e textos contraculturais*, de Eduardo Bueno, um novo romance de Martha Medeiros e mais dois volumes do Teatro Completo de Hilda Hilst: *O rato no muro*, seguido de *Auto da barca de Camiri*, e *A empresa* seguido de *O novo sistema*.

A curitibana Arte & Letra prepara um livro de contos de Paulo Venturelli, outro de crônicas do jornalista curitibano Cristiano Castilho e aposta em títulos estrangeiros como *El ermitaño del reloj*, da venezuelana Teresa de la Parra, *Cacería*, da argentina Maria Teresa Andruetto e *O diabrete da garrafa*, de Robert Louis Stevenson.

Na Record, que põe no mercado cerca de 40 novidades por mês, “bibliodiversidade” é o lema: “É preciso entender que livros *best-sellers* de autoajuda e desenvolvimento pessoal permitem que o Grupo invista em novos autores e em projetos de cunho mais experimental”, explica Sonia Jardim. De cada cem títulos da casa, 12 são de autores nacionais. Em 2019 estão previstos, já no primeiro semestre, novos livros de Nélide Piñon, Marina Colasanti, Fabrício Carpinejar, Marcia Tiburi e Everton Behenck. Também

## CAPA

sairão reedições da obra de Graciliano Ramos, começando com *Vidas secas* e *Angústia*, seguidos de *São Bernardo* e *A terra dos meninos pelados*.

A editora Todavia, uma das que mais cresceram no ano passado — foram 52 títulos lançados em pouco mais de um ano de existência —, planeja cerca de 60 lançamentos para 2019. Entre os destaques estão a antologia poética da austríaca Ingeborg Bachmann, *Memórias de um urso-polar*, da japonesa Yoko Tawada, *Sistema nervoso*, da chilena Lina Meruane, e a nova tradução de *Crime e castigo*, por Rubens Figueiredo (a anterior, editada há quase 20 anos pela Editora 34, foi traduzida por Paulo Bezerra). “Dispor de várias traduções para um mesmo livro desta estatura é sintoma de vitalidade literária e editorial. Foi emocionante abrir o arquivo e ler as primeiras páginas deste Dostoiévski vertido com tanto cuidado, beleza e sapiência”, elogia o editor Leandro Sarmatz. A edição conta com uma elucidativa apresentação crítico-biográfica, mapas sobre a Petersburgo dos personagens e lista complementar de leituras em português sobre o livro e o autor russo.

Em 2019, quase metade do catálogo será de autores nacionais, a exemplo do recém-lançado romance *O quarto branco*, de Gabriela Aguerre, de *Sombrio*, ermo, turvo, de Veronica Stigger, e da estreia do poeta e tradutor Guilherme Gontijo Flores na prosa de ficção, com *Historia de Joia* (leia trecho inédito na página 18). “É uma espécie experimental de narrativa sobre um dia na vida de Joia, a começar pelo fim da tarde; porém quase nada sabemos da protagonista, porque os 22 capítulos são narrados por outras personagens, que têm interesses próprios”, adianta o autor.

Gontijo Flores também assina, como tradutor, um dos lançamentos mais aguardados do ano: a obra completa de François Rabelais, incluindo não apenas os cinco romances famosos de *Gargântua e Pantagruel*, como também textos que permaneciam inéditos em português. “Rabelais, apesar de ser pouco lido no Brasil até hoje, é um dos gigantes da literatura ocidental; não deve absolutamente nada para Shakespeare, Cervantes, Dante e Camões”, defende o tradutor. O projeto, a cargo da editora 34, sairá em três partes (vol. 1, *Pantagruel e Gargântua*; vol. 2, *Terceiro livro, Quarto livro e Quinto livro*; vol. 3, *Obras esparsas*), a primeira prevista para os próximos meses. A editora 34 também promete uma nova tradução direta do russo de *Anna Kariênina*, de Lev Tolstói, por Irineu Franco Perpétuo. E fará a tão aguardada reedição de *Ma-*



Nova invasão latino-americana: em 2019 autores como Julio Cortázar e Roberto Bolaño estarão nas prateleiras com reedições e livros inéditos.

*laqueta, perus e bacanaço*, clássico de João Antônio esgotado há anos.

**NOVAS REEDIÇÕES**

No terreno das reedições de clássicos, o argentino Julio Cortázar, que antes saía no Brasil pela Record, passa a ser publicado pela Companhia das Letras em 2019, ano que

marca o 105º aniversário de nascimento do autor. A editora pretende reposicionar sua obra no país a partir de novas traduções, posfácios e projetos gráficos mais modernos e arejados. *O jogo da amarelinha* sai em março, na tradução de Eric Nepomuceno, mas outros 18 títulos estão previstos, entre eles a reunião inédita no

REPRODUÇÃO



Brasil de todos seus contos em dois volumes. As capas assinadas pelo quadrinista Richard McGuire devem atrair ainda mais os leitores jovens, público com o qual a obra cortazariana sempre dialogou muito bem.

O escritor Emilio Fraia, que é também editor da Companhia das Letras, revela que este será um ano

forte de latino-americanos na casa, citando a publicação de *A literatura nazista na América*, do chileno Roberto Bolaño, o mítico *O deserto e sua semente*, de Jorge Barón Biza, e a inadiável chegada da contista argentina Silvina Ocampo ao Brasil, com seu livro mais emblemático, *A fúria*. “Acredito que esta será uma

## EM BREVE NA ESTANTE

Além dos títulos citados na matéria, confira outros destaques já confirmados para 2019:

*Correio literário*, Wislawa Szymborska (trad. Eneida Favre, Âyiné)  
*Eles e elas: contos da Broadway*, Damon Runyon (trad. Jayme da Costa Pinto, Carambaia)  
*Querido Diego, te abraza Quiela*, Elena Poniatowska (Mundaréu)  
*Tornar-se Palestina*, Lina Meruane (trad. Mariana Sanchez, Relicário)  
*O arquipélago Gulag*, Aleksandr Soljenitsyn (Carambaia)  
*Tudo tem a ver*, Arthur Nestrovski (Todavia)  
*Biografia de Paulo Freire* (sem título definido), Sergio Haddad (Todavia)  
*Ricardo e Vânia*, Chico Felitti (Todavia)  
*A Triunfante*, Teresa Cremisi (trad. Sandra M. Stroparo, Âyiné)  
*Sobre o mar guardado, as meias alugadas e Dona Manteiga*, Aglaja Veteranyi (Trad. Fabiana Macchi, Relicário)  
*Céu noturno crivado de balas*, Ocean Vuong (Âyiné)  
*Verifique se o mesmo*, Nuno Ramos (Todavia)  
*A carta* (vários autores), ensaios sobre a Constituição (Todavia)  
*Se a rua Beale falasse*, James Baldwin (trad. Jorio Dauster, Cia das Letras)  
*A luva ou KR-2* (Contos de Kolimá, vol. 6), Varlam Chalámov (trad. Nivaldo dos Santos e Francisco de Araújo, Editora 34)  
*Meninas*, Liudmila Ulítskaia (trad. Irineu Franco Perpétuo, Editora 34)  
*Revolução do Cinema Novo*, Glauber Rocha (Editora 34)  
*Escritos corsários*, Pier Paolo Pasolini (trad. Maria Betania Amoroso, Editora 34)  
*Porca*, Alexandre Marques Rodrigues (Record)  
*Escrever sem escrever: a literatura por meios de apropriação*, Leonardo Villa-Forte (Relicário)  
*Eisejuaz*, Sara Gallardo (trad. Mariana Sanchez, Relicário)  
*Tiestes*, Lúcio Aneu Sêneca (Trad. José Eduardo S. Lohner, Editor UFPR)  
*A menina que morava no chuveiro*, Antonio Prata e Talita Hoffman (Ubu)  
*Coisas do Darma*, Jack Kerouac (L&PM)  
*Maggie Cassidy*, Jack Kerouac (L&PM)

das grandes descobertas do ano por aqui, uma daquelas autoras que ficaram à sombra e que tem tudo para ser lida e relida”, opina. Ainda na ficção estrangeira, devem aportar no catálogo da editora novos livros de Lucia Berlin, Javier Marías e Jonathan Franzen, assim como *Maternidade*, autoficção da autora canadense Sheila Heti sobre a opção de não ter filhos, e a premiadíssima HQ *Minha coisa favorita é monstro*, de Emil Ferris. “Um livro todo feito com caneta esferográfica sobre uma menina de dez anos fissurada em filmes e revistas de monstro”, define Fraia. ■

ROMANCE | LUIZ RUFFATO

# O VERÃO TARDIO

**M**arcim Fonseca... Vou procurar o Marcim Fonseca! Será que lembra de mim? Nunca imaginei o Marcim Fonseca envolvido com política. Estivemos na casa dele uma vez por causa do trabalho sobre a Revolução Francesa pedido pela Malu. Marcim morava na Vila Minalda. O pai tecelão, o irmão mais velho tecelão, a irmã tecelã. A mãe, baixinha, tímida, óculos fundo-de-garrafa, olhos tristes, nos recebeu com uma jarra de refresco de framboesa com pedras de gelo, igual à ilustração que aparecia nos pacotinhos de Q-Suco, e uma cestinha de bambu, coberta por um pano de prato com duas galinhas bordadas, cheia de bolinhos-de-chuva. Marcim mostrava-se visivelmente incomodado. Com a pequenez da sala, com os rasgos na napa do sofá, com os re-

tratos empoeirados na parede, com a folha de plástico colorido cobrindo a tela da televisão, com o descaramento dos dois gatos que se esfregavam nas nossas pernas miando, com a música alta que reboava do rádio da casa vizinha, com a irmã caçula que desfilava suas coxas aos nossos olhos lascivos, com a gulodice com que o Graciano e eu atacamos os bolinhos-de-chuva e o quissuco. Durante as pouco mais de duas horas, Marcim manteve-se emburrado, impaciente para que terminássemos logo, desgostoso por ter consentido em nos receber naquele correio de casas geminadas, tão perto do rio que, da poltrona onde estava sentado, eu conseguia ver através da janela as águas mansas correndo além das goiabeiras raquíticas do quintalzinho, numa das quais, amar-

rado, um vira-lata amarelo-encardido balançava o rabo e as orelhas, jururu, espantando as moscas. Não pusemos mais os pés lá. Nossos encontros passaram a ocorrer ou na biblioteca do colégio ou na minha casa — na do Graciano, nunca, devia ter vergonha de nós, o pai dele dono de um posto de gasolina. A mãe estimava o Marcim, mas ela não desagradava de ninguém. O pai, no entanto, turcão, falava que o Marcim tinha olhos manhosos — e talvez, mais que todos, fosse ele o sensato. Quem pensei que pudesse se interessar por política era o Cesinha. Cesinha tinha sido colega da Lígia, um ano a mais que eu. Estava no terceiro científico quando uniu ao Aladim, professor de química, para editar um jornalzinho. Aladim era apelido, todos chamavam ele

assim porque usava truques de mágica para ensinar a matéria. Simpático, cabelos pretos encaracolados caídos nos ombros, contava piadas engraçadas, tocava guitarra no The Revolution Band, conjunto que imitava os Beatles, provocava suspiros no mulherio, embora muitos alegassem que ele era veado. O professor Aladim, Cesinha e mais dois ou três alunos espalharam cartolinas coloridas no colégio anunciando, em breve, a chegada de O Intrépido. Numa manhã de agosto, logo depois das férias, eles se posicionaram no portão de entrada para distribuir o jornalzinho, papel-ofício datilografado em estêncil e rodado em mimeógrafo a álcool. Mal começaram a entregar os exemplares, surgiram o Zé Leal e o Zé Adão, bedéis cupinchas do pro-

fessor Carvalho Sá, que com truculência confiscaram O Intrépido e tacaram fogo ali mesmo, causando um princípio de tumulto, logo debelado. Disseram que o jornal pregava o naturismo, o vegetarianismo, a legalização da maconha e o amor livre, o que já seria motivo suficiente para despertar a fúria do professor Carvalho Sá — mas a gota d'água teria sido uma charge, feita pelo Cesinha, na qual o professor aparecia, cabeça enorme em corpo diminuto, sentado na beira da cama, apenas de cueca, a cara assustada, com a legenda: Meu deus, onde eu 'tava com a cabeça? Naquele dia, o professor Aladim já não deu aulas e na semana seguinte o Arruda, professor-substituto, avisou que ele havia mudado para o Rio de Janeiro, em busca de novos desafios profissionais. Não ouvi mais falar do professor Aladim. Cesinha recebeu suspensão de uma semana e a mãe dele, a dona Alice, foi vista saindo da sala do diretor, o professor Guaraciaba dos Reis, chorando. A vida dela era chorar. Chorava, chorava, chorava, sem entender por que perseguiam o seu Vevé, que assim ela chamava o marido, homem bom, trabalhador, que só queria o bem das pessoas, como Jesus Cristo, ela ➤

## ROMANCE | LUIZ RUFFATO

o comparava a Jesus Cristo... Dona Alice não compreendia porque as pessoas condenavam seu Venâncio por ser comunista, se ser comunista, na visão dela, era a mesma coisa que ser católico, só que sem padre e sem missa. Naquela época, o marido andava preso na Penitenciária de Linhares, em Juiz de Fora. Quando voltou, alguns anos mais tarde, houve peregrinação à casa deles, três ruas antes da nossa, porque, apesar de tudo, dona Alice e o seu Vevé eram queridos da vizinhança. Causou comoção o estado em que ele reapareceu: magríssimo, cego de um olho, vários dentes faltando e tremores nas mãos. Seu Venâncio nunca mais conseguiu trabalho, passou o pouco tempo que restava com medo de sair do quarto, desperto, de todos desconfiado, mijando sangue e recusando tratamento, como lamentava a dona Alice quando encontrava a mãe varrendo o passeio, Uma desgraça, dona Stella, uma desgraça. O professor Guaraciaba dos Reis lembrou à dona Alice que, da próxima vez, se houvesse próxima vez, teria que expulsar o Cesinha do colégio, Já pensou a tragédia, dona Stella?!, e ela, desesperada, não bastasse o seu Vevé, lá longe, preso que nem bicho, e agora o Júlio César, minha nossa senhora, o que vai ser deste menino?!

(...)

Em frente ao prédio da Prefeitura, um cachorro preto, de pelagem lustrosa, abana o rabo. Subo lentamente a escadaria, penetro no salão. Um segurança, alto e forte, me intercepta, “Posso ajudar?”, pergunta, ríspido. Digo, “Bom dia”, ele se perturba, e, desconcertado, responde, “Bom dia. O senhor deseja...”, “... falar com o prefeito”, completo. “O senhor tem audiência marcada?”. “Não... Sou amigo... Vim de São Paulo... Só queria dar um oi...”. O segurança coça a cabeça, me conduz a uma mesa com dois telefones brancos, caderno escolar e conjunto de acrílico fosco, porta-canetas e porta-clipes, “Espere aqui”. Ele atravessa perpendicularmente o salão e entra numa porta lateral. De pé, observo os móveis — duas poltronas puídas, uma mesinha-de-centro, algumas revistas empilhadas num cesto — e a larga es-

cada de madeira escura que leva ao segundo andar, ao Gabinete do Prefeito. Aguardo paciente, o silêncio só turvado pela gargalhada feminina que nasce da toca onde o segurança se meteu. Sem pressa, caminho até à porta entreaberta, empurro e deparo com um cubículo apertado, muito limpo. O segurança e duas mulheres, uma jovem, outra mais velha, me olham, espantados. Digo, “Bom dia”, e o segurança fala, “É esse, Michele”. Michele deve ter vinte e poucos anos. Muito bonita, cabelos pretos, lisos, escorridos. “O senhor é amigo do prefeito?”. Quem pergunta, debochada, é a mulher baixinha, magra, bermuda, camiseta sem mangas, sandálias de dedo, fios de cabelos brancos fugindo da touca higiênica — com certeza, a dona da risada gostosa. “Bem”, digo, “conheci ele quando tínhamos uns dezesseis anos. Depois disso, nos afastamos...”. “Ah”, ela murmura, como se

tivesse ganhado uma aposta. “O prefeito não recebe ninguém fora da agenda”, Michele avisa, sisuda. “Eu falei”, o segurança como que se desculpa com ela. “O senhor já tomou café?”, a mais velha pergunta. “Já, acabei de passar naquela padaria, ali perto da ponte velha”. O segurança enfia um pedaço de broa de fubá na boca e engole o resto do café. “Que pena”, a mulher diz, “Não vai poder comer a broa da Michele”, conclui, maliciosa, fazendo a colega corar. O segurança contém o riso. “Então, quer dizer que o senhor é amigo do prefeito...”, a mulher mais velha repete. “Ele é um bom prefeito?”, pergunta. “Ô, meu senhor, somos gente humilde”, gargalha. O segurança deposita o copo vazio na pia e se vai. “O senhor é daqui mesmo?”, ela continua. Michele tem as unhas pintadas de vermelho, segura a xícara com o dedo mindinho levantado. “Sou, mas moro há muitos

anos fora, em São Paulo”. “Mas sua família é daqui...”. “É... a minha irmã, a Rosana, é diretora de escola... E a minha mãe era costureira... no Beira-Rio...”. “Ah, fui nascida e criada no lado de cá do rio. Matadouro, Pampulha, não sei se conhece”. “Claro que conheço. Gostava de ir de bicicleta até lá. Era o fim da cidade. Dali pra frente não havia mais nada...”. “Michele”, ela diz, “Será que a dona Iara não arruma um encaixe não?”. “Ih, lá vem a senhora, dona Ivete! Eu, heim! Não é assim também não!”. Michele coloca a xícara na pia e sai, zangada. Dona Ivete cochicha, travessa: “O prefeito entra pelos fundos. Umás sete, sete e meia... Fica lá acoitando ele...”. Sorriu em agradecimento e me despeço. Ela liga o radinho de pilha, abre a torneira e, cantarolando, começa a lavar as vasilhas. Aproximo da Michele. “Será que posso deixar um recado pro Marcim?”. Ela está arrimada

por detrás da mesa. Sem responder, pega um bloco de papel na gaveta, uma caneta no conjunto de acrílico, “Anota aí que eu passo pra dona Iara. Ela que tem contato com o prefeito. Eu sou só recepcionista”. Rabisco um bilhete: “Como vai Marcim? Sou o Peninha, seu amigo de infância, queria ver se podíamos nos encontrar para dar um alô. Volto aqui amanhã de novo”. Dobro o papel duas vezes, devolvo para a Michele. “Se você passar por ele, fala que o Peninha esteve aqui. Peninha sou eu. Não é nome não, é apelido, porque pelo nome mesmo, Oséias, ele não vai saber quem é. Ao menos, com o apelido...”. Michele diz, “É, quem sabe”, e atende o telefone, “Bom dia, Prefeitura de Cataguases!”. Ando na direção da porta, despeço do segurança, desço as escadarias. Assim que me vê, o cachorro preto acerca-se, o rabo abanando. Faço festas para ele, afago sua cabeça, cruzo a rua. ■

---

**LUIZ RUFFATO** nasceu em Cataguases, Minas Gerais, em 1961. Formado em Comunicação pela Universidade Federal de Juiz de Fora, publicou vários livros, entre os quais a pentalogia *Inferno provisório* e o aclamado *Eles eram muitos cavalos*, que recebeu o prêmio APCA e o Machado de Assis, da Biblioteca Nacional. O trecho publicado pelo **Cândido** nesta edição faz parte do próximo romance do escritor, que será lançado em breve pela Companhia das Letras.

CONTO | NATHALIE LOURENÇO

A  
R  
R  
O  
S  
U  
E  
E  
O  
L  
O  
G  
O  
A

**T**ínhamos demorado três dias inteiros para esvaziar a casa. Tia Beta nunca jogava nada fora. Antes, cada superfície estava preenchida por jornais de 20 anos atrás, embrulhos de presente dobrados para serem usados outra vez, controles remotos de tevês e aparelhos de som quebrados há muito tempo. Era trabalhoso, não difícil. Quase tudo tinha ido parar nos grandes sacos de lixo pretos, agora alinhados na calçada. Estávamos cansadas, eu e minha prima Juliana. Tia Beta não tinha filhos. Essa era nossa herança: resolver as pendências braçais que os irmãos da morta já não tinham idade para fazer.

Paramos para tomar um copo d'água, contemplando o recém-criado vazio da cozinha. Enfim começava a reconhecer a casa onde brincávamos na infância, que eu não via há pelo menos dez anos.

— Você lembra? A gente brincava de caverna debaixo desta escada.

Nós brincávamos em todas as partes da casinha geminada, inseparáveis como apenas crianças da mesma idade podem ser. Fazíamos tudo juntas. Às vezes dormíamos lá, nos sofás que tia Beta disfarçava de cama, conversando noite afora. A vida adulta

ainda não tinha nos mostrado que não tínhamos nada em comum, que dali a alguns anos ela me faria a mesma pergunta sobre o meu trabalho e eu a mesma pergunta sobre as crianças em toda santa festa de família.

— Será que ainda tem a laranjeira?

Juliana tinha menstruado primeiro. Ela que começou a falar sobre meninos, a roubar o batom da minha tia e a recortar atores de cinema de revistas. Uma vez, Tia Alberta saiu para o quintal com uma faca e colheu duas laranjas, que descascou com cuidado, sentada sobre um degrau, girando a fruta nas mãos, a faca a desenhar uma longa espiral de casca, o cheiro impregnando a pele. Nos deu a casca para brincar. Nunca jogava nada fora.

A ponta da casca na mão pendia como uma fita. Fomos uma de cada vez, para não misturar. Rodei a casca sobre minha cabeça como a tia mandou, gotículas caindo no meu cabelo, o sol acentuando o cheiro de laranja. Rodei até romper, um naco da casca voar e cair sobre a lona que cobria a piscina. Nós três de pé, em torno de um pedaço de fruta. Tia Beta sentenciou: é um S, o nome dele começa com S. A brincadeira servia pra adivinhar a inicial do menino que gosta da gente. Não tinha ninguém com S na minha sala. A de Juliana também deu S. Depois descobrimos, sempre dava S. As frutas sabem muito pouco sobre o alfabeto.

Juliana tinha ido fumar um cigarro no quintal e gritou para eu ir lá ver. A piscina não estava mais coberta. Meu coração afundou, se escondeu em algum lugar entre o fígado e os rins. Não acabou. As tralhas preenchiam a piscina até a borda. Cento e cinquenta metros cúbicos de lixo. Quis xingar tia Beta. Não o fiz. É preciso esperar alguns meses depois do enterro antes de admitir que às vezes temos raiva das pessoas que amávamos. Peguei um novo rolo de

sacos de lixo. Ajoelhada perto da borda da piscina, rasguei o picote, violenta, e esfreguei dois dedos na borda do quadrado plástico, tentando achar a abertura. Não abria. Por que essas coisas são tão difíceis de abrir? Grunhi e amassei tudo. Juliana se agachou e o abriu em um movimento simples. Deixou-o ao meu lado e rasgou outro para si. Eu jogava as coisas para dentro do buraco negro de plástico, sem nem olhar. A escada da piscina, de metal carcomido, sumia entre caixas de sapato e torradeiras quebradas. A superfície era feita de bugigangas recentes. Latas vazias de biscoitos amanteigados, cadeiras de praia, geométricos vidros de perfume.

Conforme eu e Juliana enchíamos as barrigas brilhosas dos sacos de lixo (salvando pouco, uma caixa com fotos, um castiçal bonito), atingimos camadas mais antigas de entulho. Um telefone de baquelite, tapetes enrolados e embalados. Agachadas na beirada, não alcançávamos mais os objetos. Desci pela escadinha, tentando firmar os pés naquele chão desigual. Ia passando as coisas para as mãos estendidas de Juliana. Um espelho escurecido, a mesa de dobrar que ela montava aos domingos, o balanço que

ela tinha pendurado no quintal para a gente, agora um quadrado de madeira envolvido pela corrente, um carretel. Suada, com as mãos negras de poeira, caminhei para a ponta mais funda da piscina. Alguma coisa cedeu debaixo do meu pé, o tornozelo se dobrando em um rasgo de dor. Caí com o rosto a centímetros de um ventilador desbotado, partículas de sujeira se levantando, pousando na boca e no nariz. Ao lado dele, nossos nomes riscados a caneta em uma caixa. Exausta, empurrei o pacote para cima. Juliana rasgou a tampa e ia me mostrando, dali de cima, todas as nossas coisas, dobradas, cuidadas, ensacadas. Pijamas de flanela e as xícaras em formato de bichos. Uma grossa pasta com desenhos. Duas pequenas escovas de dentes. Fomos esmagadas pelo peso do amor da Tia Beta. Chorei o suficiente para encher de novo a piscina. ■

---

**NATHALIE LOURENÇO** é redatora publicitária e escritora. Publicou o livro *Morri por educação*, escreve crônicas para o portal escolar *Guten News* e contos para o projeto *Mulheres que Escrevem*. Alguns de seus textos estão publicados na plataforma [medium.com/@ridicula](https://medium.com/@ridicula).

"O MELHOR AINDA ESTARÁ POR VIR" André Caliman

Grécia. 419 a.C.



Jerusalém. 19 a.C.



Ah, mais um ano que começa!

Hum, copiando as sagradas escrituras, meu filho?

Não, mãe. Tô escrevendo uma história que ainda não existe.



Ai, ai, ai. Já te disse, meu filho, os profetas já vieram e já contaram todas as histórias do mundo!

Claro, meu querido...

Eu sei, mas se eu conseguir escrever uma que ainda não existe, você acha que um dia os escribas podem fazer muitas cópias, para que muita gente possa ler?



Uma história que ainda não existe... Até parece!



HQ | ANDRÉ CALIMAN

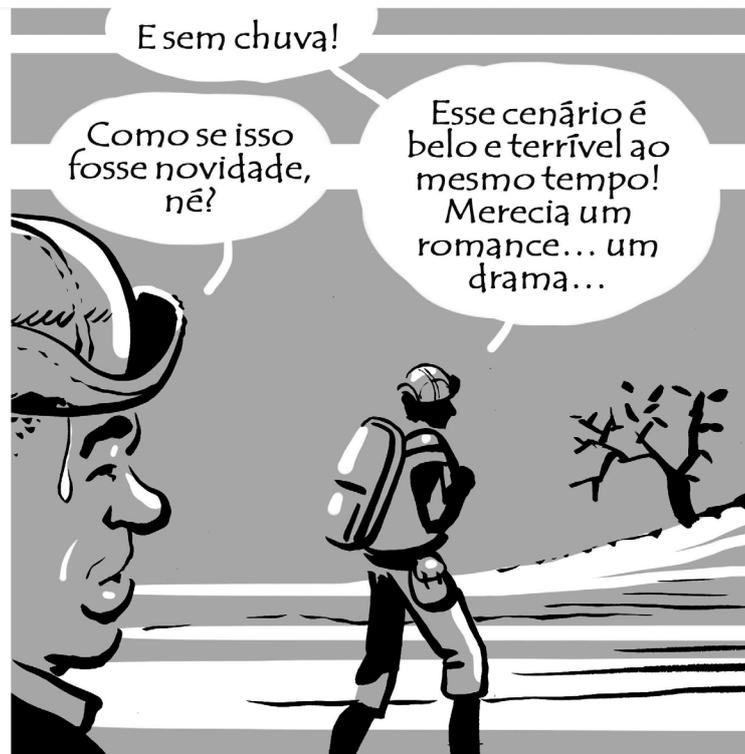


La Mancha. 1619.



HQ | ANDRÉ CALIMAN

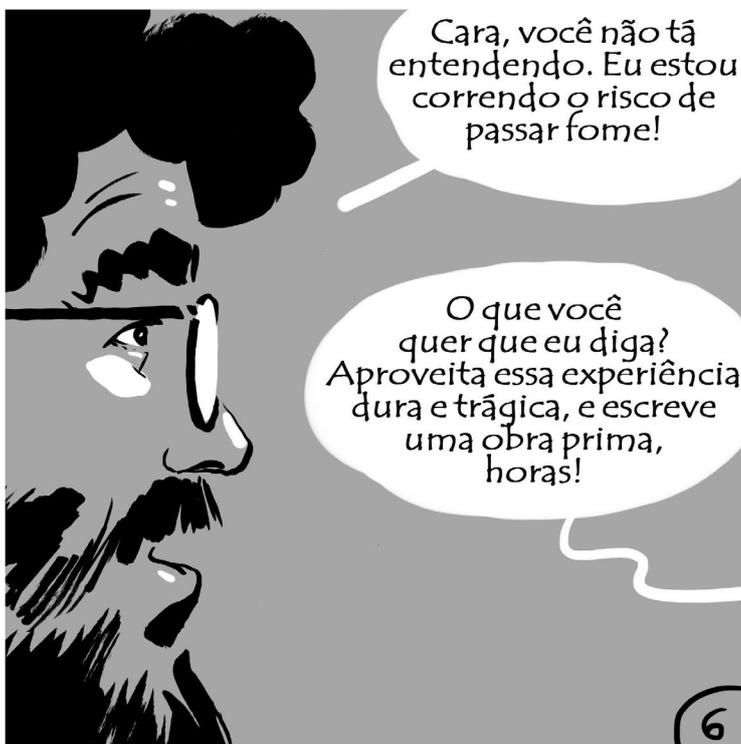
Sertão Nordestino. 1919.



...um romance trágico e belo, realista...



Curitiba. 2019.



F I M

**ANDRÉ CALIMAN** é quadrinista, ilustrador e escritor. Publicou a série E.L.F. nos Estados Unidos, além de outras histórias curtas para diversas editoras. No Brasil, escreveu e desenhou a novela gráfica *Revolta!*, e desenhou a HQ *Sequestro em Três Buracos* para a editora Quadrinhópole. Atualmente trabalha para o mercado editorial espanhol e mantém um blog de ilustrações de viagem: [calimanviajando.com](http://calimanviajando.com)

CONTO | ANDRÉ CÁCERES

# NO FUTURO, NEM O SEGURO MORRE DE VELHO

**I**

Você nunca havia percebido o quão estreita é a mureta que separa os transeuntes do abismo. Balança, né? Nunca havia se atentado ao fato de que a estrutura de metal corroído e concreto opaco tremulava feito vara verde sob as solas dos sapatos dos pedestres em marcha? Não faz mal. Ninguém nota isso até escalar a grade de proteção do Viaduto Santa Ifigênia e, tentando manter o equilíbrio, olhar para baixo, para os carros autônomos que rasgavam o asfalto da Avenida Prestes Maia. Você só se deu conta desse balanço quando não conseguiu ficar em pé sobre a mureta. Confesso que já vi muitos suicidas convictos, mas nenhum jamais caiu tão rápido.

**II**

— Sim, senhor. Não, senhor. Compreendo, senhor. Perdão, senhor, mas seu seguro não cobre acidentes ocorridos especificamente durante orgias com dois ou mais robôs sexuais de gêneros distintos da W Corp. Exato, senhor. Se fossem três andróides ou três ginóides, o senhor estaria coberto. Como havia um andróide, uma ginóide e um robô não binário *voyeur*, o senhor terá de arcar com os custos da reconstrução de seu pênis, senhor. Sua apólice não prevê esse tipo de situação. Está nas letrinhas miúdas, senhor. A W Seguros agradece.

Ao encerrar a ligação com uma sinapse captada pela sua lente, você percebe o quanto detesta seu trabalho. Mas em tempos de pânico generalizado, vender apólices de seguro é um negócio da Neochina. Ah, meu caro... Perdoe-me pela falta de educação. Meus circuitos já não são mais como antigamente, sabe. Esqueci de apresentá-lo a si mesmo. Você é Alberto C., identificação 5151-F0, corretor de seguros, felizardo proprietário de um Toyota e com dívidas até o pescoço para pagar o financiamento de uma quitinete na República.

Ops, lá está você novamente trabalhando nesse emprego desprezível.

— Sim, senhor. Seu seguro cobrirá invasões à sua residência perpetradas por cidadãos desprovidos de engenharia genética também.

Por aí vai a conversa, até que a venda é fechada. E uma mensagem pipoca em sua lente. Parabéns, Alberto! Essa foi sua trigésima milésima apólice comercializada e, portanto, você será promovido.

Seus exames de rotina denunciaram o coleste-

rol elevado e as altas taxas de glicemia — pronuncia a voz grave do seu chefe, mas você só vê o maxilar rústico subindo e descendo. — Como nossa prioridade é prevenir, ele prossegue, leve de presente uma injeção de nanorrobôs que monitoram seu organismo. Isso é que é crescer na vida, hein?, e aperta sua mão.

— O quê? Não vai querer ler todas essas letrinhas minúsculas, né, Alberto? Depois de trinta mil apólices, você deve saber isso tudo de cor e salteado. — Seu chefe coça a cabeça e olha para os lados, até que seu rosto se ilumina. — Quer saber de uma coisa? Concederemos umas férias. Você merece, rapaz! Tome aqui uma passagem para a Nova Zelândia, ou o que sobrou dela depois da Guerra do Pacífico Sul.



No auge de sua ingenuidade, Alberto, você publicou em todas as suas redes sociais por anos a fio — e respondeu àqueles *quizzes* patéticos — dizendo que amava esportes radicais. Não foi por acaso que seu chefe o enviou para o que sobrou da Nova Zelândia. Com base em seus padrões de consumo e pesquisas *online*, era fácil prever que aproveitaria o rapel, o *rafting*, o *bungee jump*... Mas foi durante o salto de paraquedas que seu coração parou.

Por sorte, a W Seguros tinha uma base médica montada no local do pouso. Certo, sorte não é exatamente a palavra. Noventa e seis ponto sete por cento. Isso, 96.7%. Era a chance de infarto durante a queda. Os nanorrobôs nos alertaram e imprimimos com antecedência um coração novinho em folha a partir de suas células armazenadas no RH.

É realmente uma pena o fato de sua apólice não cobrir infarto durante saltos de paraquedas com instrutores robóticos, não é mesmo? Puxa, se ao menos tivesse se atentado às letrinhas miúdas, Alberto... Mas acalme-se! Nós já tomamos sua quitinete — ou o que você saldou dela até agora — como parte do pagamento. O resto pode ser descontado de seu salário, não se preocupe. Em 112 anos, tudo estará quitado. Bem, esse parece um período um tanto extenso. Um coração novo é caro mesmo, Alberto. Já sei. Como os nanorrobôs têm acesso aos seus centros de fala, sistema nervoso e vias aéreas, oferecemos uma proposta. Nas oito horas do dia em que não dorme e nem trabalha, você fará publicidade boca-a-boca compulsória dos produtos da W Corp, que tal? Cinco anos e estaremos quites.

## IV

Vejo-o em um bar, flertando com uma garota. Muito bem, Alberto.

— Não brinca! — ela falou em um falsete, entre um gole e outro. — Eu também adoro esse filme! — e passou a mão pelas madeixas.

— E aquela cena em que... — você diz, ébrio e excitado. — Ei! — seu berro a assusta. — Não acredito que seu vestido não é da W Fashion! Ofer-tas imperdíveis só até amanhã! — A fala sai involuntariamente, como um soluço, um vômito. Fotos das peças de roupa piscam na lente dela, enviadas sem querer por você.

— O quê? — Ela parece indignada. — Então eu sou apenas mais uma cliente em potencial? Ridículo! Espero que sua comissão seja boa — esbravejou e tempesteou-se para outro canto do bar.

Agora você era um garganta profunda, Alberto, e os gargantas profundas não são lá muito bem vistos socialmente. Ela acabou trepan-do com outro cara naquela noite, um que não sugerisse promoções. No dia seguinte, porém, passou na W Store e comprou um vestido.

## V

Meses se passaram e você não conseguia mais manter relações sociais — muito menos sexuais. Os amigos afastaram-se, as garotas fugiam. Até sua família o jogou para escanteio. Seu salário era excelente, mas os descontos o transformaram quase em um mendigo. E então veio o baque: o W Bank enviou uma ordem de despejo. Ora, ora, mas era só o que lhe faltava, não é mesmo, Alberto? O Departamento de Controle de Suicídios da W Seguros entrou em alerta. Uma equi-

pe foi rápida e eficientemente encaminhada ao seu encalço. Viaduto Santa Ifigênia. Todos a postos. Ajustaram suas lentes como se fossem binóculos para vê-lo à distância.

Você caminhava pela passarela quando avistou um sujeito comprando um brinquedinho qualquer para o filho em um camelô. Encheu os pulmões e sugeriu ao homem que comprasse os novos bonecos de ação do Homem-Dinossauro. Todos ao seu redor o olharam, despejando o típico e indiferente mau humor urbano. Você sentiu-se humilhado mais uma vez, Alberto. Não sou apenas um garganta profunda! Eu tenho meu valor!, foi o que passou pela sua cabeça ao escalar a mureta do viaduto. E é assim que chegamos onde havíamos parado, Alberto. No asfalto quente da avenida, com o pneu de um ônibus amassando suas entranhas esparramadas feito espaguete.

## VI

Quem sou eu? É isso que quer saber, Alberto? Eu sou a dona do seu corpo agora. Sou a voz na sua cabeça. Suicídio não é coberto pelo seu seguro. Foi mais vantajoso para ambos torná-lo propriedade da W Corp. Uma cobaia ciborgue valiosa para nós. A única peça orgânica que sobrou foi seu seu cérebro. Você não precisa mais comer ou dormir. Vai trabalhar 24 horas por dia.

Mas olhe pelo lado bom, Alberto: você é praticamente imortal. ■

---

**ANDRÉ CÁCERES** é autor de *Cela 108*, coautor de *Corações de asfalto* e escreve sobre literatura no jornal *O Estado de S. Paulo*. Atualmente prepara seu próximo romance, *Nebulosa*. Vive em São Paulo.

POEMA | ARMANDO FREITAS FILHO

# AMNÉSIA

Meia de mulher transparente.  
Rede. Gaze. Nomes semiapagados.  
Renda. Cristal e champanhe.  
Tela. Malha da memória  
Voile, Sonho, Peneira.  
Esquecimento.

Esta anotação encontrada no fundo da gaveta não me lembrou o motivo pelo qual foi escrita. Foi num dia perdido sem mês e data. Num dia em que senti, profundo, pela primeira vez, se bem me lembro, o rasgo, a fuga da minha memória. O cabide do índice onomástico partido das lembranças. O pensamento, mesmo em ação, se apagava no mesmo átimo, mas eu não o alcançava. Podia ser recuperado, semimorto, ao acaso, quase sem uso. Podia ser recuperado, mas era insignificante, e o que restava eram retalhos, falhas, como esses de agora, sem continuidade e permanência. Não sei por que este bilhete dobrado, rascunho amarelo estava ali, aqui comigo, trancado, escondido. Se sua cor era descolorida pelo tempo do esquecimento, ou não. Não lembro. ■



**ARMANDO FREITAS FILHO** nasceu em 1940 e vive no Rio de Janeiro. É autor de *Palavra, Dual, À mão livre, 3x4* (Prêmio Jabuti de Poesia, 1986), *De cor, Números anônimos, Fio terra* (Prêmio Alphonsus de Guimaraens da Biblioteca Nacional, 2000), entre outros livros. Reuniu sua obra poética em *Máquina de escrever* (2003).